

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE GOIÁS
UNIDADE DE URUAÇU
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA

**Piquete de Greve nas Fábricas da Votorantim Metais e Anglo American em
Niquelândia- Goiás no Ano de 1988.**

Júlio Éber Teixeira Abadia

Uruaçu

2015

Aluno: Júlio Éber Teixeira Abadia

Piquete de Greve nas Fábricas da Votorantim Metais e Anglo American em Niquelândia, Goiás no Ano de 1988.

Trabalho monográfico apresentado na Universidade do Estado de Goiás, Unidade de Uruaçu como requisito básico para a conclusão do curso de História. Orientador, Prof. Dr. Edmilson Marques.

Uruaçu

2015

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO I.....	11
Das Lutas Entre Sindicato e Partido Político.....	11
1.2 - Dos Sindicatos.....	15
1.3 - Dos Partidos Políticos.....	18
1.4 - A Greve.....	20
CAPÍTULO II.....	24
2. - As Ações que Culminaram na Greve de Grandes Proporções Municipais, em Niquelândia.....	24
2.1 - Das funções de Cada Trabalhador Entrevistado em sua Respectiva Empresa.....	28
2. 2 - Dos Motivos que Cada Entrevistado Deram para que Culminasse na Greve.....	29
3. 3 - Das Ações Sindicais e Políticas Dentro do Contexto da Greve em Niquelândia.....	33
2. 4 - Das Ações Desenvolvidas para Manterem os Piquetes.....	36
2. 5 - Das Ações da Sociedade e as Pessoas Envolvidas.....	38
2. 6 - Dos ganhos e Perdas da Greve.....	41
CAPÍTULO III.....	45
3. O Desenrolar da Greve.....	45
3. 1 - Das Ações que Levaram ao Desfecho da Greve.....	45
3. 3 - O Nosso Tema.....	52
3. 3.1 - Das Lutas por Melhorias.....	53
CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	63
Fontes Orais.....	64

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como proposta realizar uma análise sobre a greve nas indústrias Votorantim Metais e Anglo American. Este tema traz pertinência da qual nos tem levado a elaborar essa pesquisa sobre esse movimento de greve. Essas empresas estão localizadas em uma região próxima à cidade de Niquelândia, que tem uma população aproximadamente de 40.000 habitantes.

Um pequeno sindicato de uma cidade do interior levanta duas greves ao mesmo tempo, porque foi isso que aconteceu de uma única vez, foi o que fez o SITIEN (Sindicato dos trabalhadores nas indústrias extrativista de Niquelândia), o qual fincou piquetes nas portas das duas indústrias. Este ato foi visto como um desaforo, principalmente na Votorantim Metais, que seu diretor nesse período era o todo poderoso Antônio Ermírio de Moraes¹.

É neste contexto que buscaremos apontar o nosso objeto de estudo que é a greve de 1988 em Niquelândia. O Partido dos Trabalhadores (PT) local usou a classe operária das duas grandes empresas, do ramo da mineração, como “massa de manobra”² junto ao seu sindicato.

Não que o PT seja do Sindicato, entenda-se bem, foi usado para alcançar na política e no âmbito municipal, pois, antes de 1988 não havia partido dos trabalhadores. O município é um dos mais antigos em termos de emancipação política no Estado de Goiás, indo desde os tempos coloniais, ao qual ainda era denominado São José do Alto Tocantins (1775), antes de se tornar Niquelândia (1943).

Este trabalho de pesquisa torna-se relevante porque busca compreender a maior greve em solo goiano, no caso uma greve que ocorreu em uma empresa nacional a Votorantim Metais, que na época era Companhia Níquel Tocantins e concomitantemente ocorreu outra na empresa Anglo American que também no período em que ocorreu a greve chamava Codemin S/A. As duas empresas são

1 Pois o mesmo dizia que em suas unidades industriais não era concebível fazerem greves, e as que fizessem, seriam fechadas automaticamente, coisa não cumprida na unidade de Niquelândia, pois 41 um dias de paralisação a mesma retomou os trabalhos normalmente.

2 É o conceito usado para designar os trabalhadores, diretos e indiretos dentro de uma sociedade local, quando a mesma adentra o movimento social, principalmente em caso de greve no seu bojo.

do ramo minerador e extraem o Níquel de forma metalizada pela Anglo American e em forma de Carbonato Básico de Níquel (CbNi) pela Votorantim Metais.

Em novembro de 1988 é o mês do dissídio³ salarial da categoria, do qual o Sindicato das duas mineradoras levou uma pauta à votação. Foi constatado que neste processo se estabeleceu uma queda de braço entre os dirigentes do sindicato e as duas empresas, fazendo com que o período do dissídio salarial fosse motivo não só de reivindicação pelo mesmo, mas, levando a outras reivindicações antes não debatidas em assembléias.

Podemos citar como exemplo a ausência de refeitórios nas empresas, pois não havia nenhum dentro das usinas e sim fora, em barracões de tábuas, sem higienização adequada. Além disso, a qualidade no transporte, pois os da época eram velhos; plano de saúde inexistente, sendo que um médico e algumas enfermeiras resumiam no atendimento dos funcionários e suas famílias.

É nesse conflito entre empregado e patrão que o sindicato aparece como conciliador, se bem que na burocratização das indústrias ele é o elo oficial voltado para acalmar as pendências empregatícias das quais estão os dissídios salariais.

Foi na votação ocorrida em assembléia que houve a decisão de deflagrar a greve nas empresas. O sindicato sendo preparado pelos empresários e industriais, usa para evitar conflitos entre empregado e empregador, sendo um mediador entre a queda de braço estabelecida entre operários e os representantes de ambas as empresas citadas acima.

Naquele ano existiam nas empresas aproximadamente 2.600 funcionários para uma população no município que contava em torno de 20.000 mil habitantes. Niquelândia naquele período era o maior município territorial de Goiás, e em 1988 estava na vanguarda goiana em relação à mineração de Níquel a nível nacional e internacional. Nesse período, somente Rússia, Austrália e Canadá exploravam o Níquel, no Brasil, portanto Niquelândia estava em um grupo de cidades privilegiadas.

³ Dissídio é uma palavra do latim que entre outras coisas quer dizer discórdia é um termo usado no âmbito do direito trabalhista, que remete para a falta de convergência entre trabalhadores e patrões. O dissídio pode ser individual, quando a discórdia ocorre entre um trabalhador e o patrão, ou pode ser coletivo, no caso de conflito entre uma categoria específica de trabalhadores e uma categoria específica de empresas. Aqui empregaremos como sendo o coletivo, o caso de conflito, ao qual nos parece melhor empregado.

Dentro dessas perspectivas, é que dispomos a realidade desta pesquisa da qual possamos avaliar as causas e os piquetes de greves que emergiram de forma espontânea na região de Niquelândia no ano de 1988.

Discutiremos o fato mais adiante, que as Usinas, geram grandes somas de capital, mas apesar disso criam um discurso de que não estão tendo os lucros necessários para continuarem investindo nas melhorias de produção. E foi através de um discurso semelhante que conseguiu que o sindicato fechasse uma proposta infame de 48% de aumento salarial, para quem tinha oferecido 98%.

Ao mesmo tempo o sindicato atua no sentido de auxiliar os patrões a buscarem subterfúgio para que não volte a acontecer um movimento tão forte quanto esse que ocorreu em Niquelândia no ano de 1988. Visto que, alguns anos depois, no ano de 2007, foi construída uma unidade do SESI/SENAI (Serviço Social da Indústria e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) favorecendo as empresas e não os trabalhadores. A questão é que apresentam um objetivo invertido, pois dizem que buscam melhorias técnicas para empregados e ainda reeducá-los para não mais fazerem protestos ou os chamados Piquetes nas suas unidades Industriais.

É no sentido de controlar a classe trabalhadora que apresentam pressupostos para ter esse “benefício” social (SESI) e o “benefício” de formação. Buscam promover a capacitação dos trabalhadores para que se conforme com a maneira imposta por seus empregadores e não mais se revoltem contra eles, fazendo-se omissos, com o objetivo claro de manterem a ordem preestabelecida de “cima”, ou seja, por seus patrões.

Para que possamos conseguir atingir o nosso propósito, realizamos uma pesquisa de campo a partir de entrevistas com funcionários e ex-funcionários das empresas. Com isso, teremos condições de observar elementos dos movimentos libertários e as manipulações que há entre patrões e órgãos estrategicamente montados para validar o que querem manter como o certo, assim, torna-se pertinente buscar respostas que nos possibilite entender o processo que possa transformar as formas sociais de trabalho entre os seres humanos.

A greve na cidade de Niquelândia é o que propomos estudar apesar de 27 anos da ocorrência do fato, mas que não foram ainda resolvidos. Por isso nosso trabalho pode vir contribuir com novas pesquisas sobre o tema em questão. As

questões que levaram à emergência do piquete de greve é o que buscamos em nossa pesquisa. Importante ressaltar que uma greve não emerge do acaso, para acontecer uma greve é preciso uma motivação. Motivação essa que vem da contrariedade dos trabalhadores por melhores salários, e do que eles precisam para se manterem com suas famílias. Dado essa motivação, partem para a paralisação da fábrica. E é nesse momento que se dá também o piquete e imediatamente a paralisação das máquinas. Evitando assim que as mesmas sejam religadas.

E como essa foi diferente, duas grandes mineradoras em um momento de superinflação monetária, conotam bem essa emergência grevista aqui analisada no município de Niquelândia.

Uma greve emerge somente quando os conflitos entre patrão e empregado chegam ao limite das negociações e um impasse é criado, ficando uma queda de braço entre ambos e somente pela paralisação as negociações podem fluir. São justamente sobre as ações dessa questão que estamos em busca de resposta, sobre a qual o piquete é deflagrado. E é a partir dos conflitos entre patrões e empregados que o conflito chega ao limite de um enfrentamento.

É justamente o enfrentamento da classe trabalhadora que expressa os piquetes de greves, e esse não foi diferente. Piqueteiros barram funcionários que eram partes do quadro burocrático da empresa. No caso da Votorantim Metais, impediram a entrada de um dos gerentes, por nome de Sr. Carlos, hoje falecido, ele foi impedido de romper a barricada do piquete, quando seus participantes tentaram tombar seu carro.

Ao analisar os piquetes simultâneos das duas greves, queremos analisar o porque ocorreram à frente de um único sindicato, que havia uma disputa para que cada empresa tivesse um sindicato distinto de outro, mas não houve essa divisão. Assim, as negociações giravam somente em torno de um representante dos trabalhadores diante de quase 2600 operários.

Buscamos junto às empresas compreender seus pontos de vistas sobre esse movimento. Além disso, buscamos também compreender como o (SITIEN) se relacionava com o movimento de greve, questões que são importantes para notarmos como eles agiam diante dos funcionários das duas empresas.

A nossa preocupação é a de salientar os problemas dos quais levaram a uma greve de 42 dias que ao final houve poucos avanços imediatos, digo, logo que acabou a greve, lentamente foi realizada uma reestruturação em vários campos nas duas empresas.

Os efeitos sócios econômicos levantados demonstram como realmente essa greve em 1988 no município goiano de Niquelândia foi diferente, por serem duas greves deflagradas ao mesmo tempo deixando toda uma população apreensiva quanto ao seu resultado.

Resultado esse desfavorável aos trabalhadores/operários, digamos para realçar a sua ineficácia momentânea, mas que ao longo dos anos veremos por nossa análise como isso pode ter tido um avanço considerável. Se bem que a demora das melhorias reivindicadas é uma das questões a serem discutidas.

Partindo do pressuposto que a greve deixou marcas, propomos analisar algumas entrevistas realizadas com indivíduos participantes daquele evento e que se dispuseram colaborar com essa pesquisa. Através das falas de nossos entrevistados, buscaremos perceber nesta temática suas causas e conseqüências analisando-as pela teoria materialista histórica dialética de Karl Marx.

Marx e Engel em 1848 lançam o Manifesto Comunista e nele princípios que podem orientar os trabalhadores. É com ajuda dessa teoria e desse método que buscaremos explicar a greve de 1988 nos portões da Companhia Níquel Tocantins, hoje Votorantim Metais e na Codemin S/A, hoje Anglo American.

No Manifesto Comunista, começam com uma frase emblemática, mas que ajuda a analisar essa greve como outras demais que forem analisadas pelo mesmo ângulo, que é: “A história de todas as sociedades que já existiram é a história de luta de classes.” (MARX e ENGELS, 2003, p. 11).

Nesse sentido, torna-se necessário entendermos o que é luta de classes. Nildo Viana no seu livro A Questão da Organização Revolucionária, no capítulo terceiro, traz o tema da Luta de Classes e das Organizações Proletárias e nos mostrará como se dá a luta de classes.

As lutas de classes na sociedade capitalista apontam para o processo de reprodução da sociedade existente, interesse da classe dominante que é reforçado por suas classes auxiliares, ou de revolução, interesse do proletariado e suas classes auxiliares, O proletariado tende a criar suas próprias formas de organização, independente dos militantes revolucionários. No início do movimento operário, os sindicatos e as

cooperativas foram as formas organizacionais geradas e logo perdidas, pois passaram ao controle da burocracia e foram integradas ao capitalismo. Posteriormente outras formas organizacionais foram emergindo, desde o comitê de greve até os conselhos operários. É esse processo que é importante analisar, ou seja, a emergência de organizações proletárias e seu processo de destruição ou cooptação. (VIANA, 2014, p. 43).

É a partir da concepção de que as classes estão lutando entre si, que utilizamos as entrevistas e com os quais pretendemos ver essa luta de classes como forma de melhorias nas condições de trabalho. As entrevistas serão organizadas a partir de perguntas relacionadas ao nosso tema, onde o entrevistado será questionado de como foi e como eles agiam, cada um em seu local de trabalho.

Sendo estes integrantes do piquete de greve e outros que moravam nas vilas dos acampamentos, os quais estavam próximos a todo o movimento e outros morando em Niquelândia, nos quais mantiveram inseridos até o dia em que foi encerrada a greve.

A greve em si será analisada a partir da concepção desses piqueteiros e não piqueteiros, pois nem todos os trabalhadores das duas empresas foram massivamente para os portões das mesmas, sendo suas respostas aos nossos questionamentos importantes para a análise, das quais tiraremos nossa conclusão sobre a experiência desta greve.

Nos três capítulos trabalharemos as partes dessa faceta que é a greve e os piquetes.

Assim, o primeiro capítulo busca realizar uma reflexão teórica, a partir da perspectiva de Pannekoek e Karl Marx com o materialismo histórico dialético, sem a qual o próprio Pannekoek não teria conceituado as greves e movimentos revolucionários, chegando aos seus conceitos de Revolução, Greve Selvagem, Comunismo de Conselhos, Emancipação Trabalhadora, Conselhos operários, Autogestão, etc.

Pannekoek toma como pressuposto de suas pesquisas, os estudos de Marx, o qual dizia que a emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores. Espontaneamente os trabalhadores fariam a revolução contra a classe dominante, os patrões, tanto em Marx quanto em Pannekoek. Nota-se que

a auto-organização dos trabalhadores é o princípio fundamental do processo revolucionário. Portanto, a base para a nova sociedade fundada na autogestão.

No segundo capítulo organizaremos as entrevistas e as colocaremos em uma forma lógica e organizada. Assim, teremos clareza das informações de observar os elementos centrais destacados para serem analisados no terceiro capítulo.

No terceiro e último realiza-se a análise das informações colocadas no segundo capítulo, tomando como referência a discussão teórica do primeiro capítulo. Isso nos possibilitará ter clareza sobre a manifestação operária. Partiremos, portanto da seguinte questão em nosso trabalho: porque as greves e consequentemente os piquetes acontecem e tornam acontecer de tempos em tempos?

CAPÍTULO I

Das Lutas Entre Sindicato e Partido Político.

1.1 – Da Consciência de Classe

Neste capítulo abordaremos alguns conceitos de Anton Pannekoek, teórico dos Conselhos Operários, tais como: Consciência de Classe, Sindicato, Partido Político e as Greves Políticas. À medida que formos adentrar cada assunto passaremos às análises necessária. Em seu livro *A Revolução dos Trabalhadores*, ele traz essas e outras questões em que veremos como ele teorizou todo esse movimento social dos trabalhadores na Europa no início do século XX.

Foi ele que aprofundou as idéias de Karl Marx sobre Lutas de Classes, principalmente no âmbito da exploração dos trabalhadores pelos donos de fábricas e como essa exploração patronal contra operário se dava dentro e fora das mesmas. As greves são uma constante em sua fala, principalmente no livro citado a cima.

Antes mesmo de adentrarmos sobre a luta por poder entre Sindicato e Partido Político precisamos analisar as Consciências de Classe para entendermos como funciona a organização sindical e partidarista. Veremos o que Anton Pannekoek nos fala sobre essa temática.

Por consciência de classe Pannekoek nos traz o conceito de organização, ou seja, uma classe uma vez estabelecida é a sua organização que dará a sua conscientização de buscar melhorias para mesma. Portanto, lutando a classe trabalhadora (proletariado), toma essa consciência, busca organizar-se, até mesmo e muitas das vezes voluntariamente, espontaneamente. Nessa espontaneidade é que se dá o embate, o enfrentamento das classes antagônicas.

É interessante notar como fica claro para Pannekoek quando trata da questão da organização, através da qual é possível ocorrer à tomada de

consciência. O indivíduo age espontaneamente para buscar por melhoria no âmbito do trabalho, pois mesmo sendo automatizada uma indústria continua a explorar o proletariado.

Para Renato Dias de Souza no seu artigo Anton Pannekoek e os Partidos Políticos, é a partir da luta operária que há a possibilidade de ocorrer a “construção da autogestão social.

Referimo-nos as lutas do operário pela apropriação coletiva dos meios de produção, o fim do antagonismo entre o processo de produção coletivo e a apropriação privada do seu produto e conseqüentemente a auto-emancipação do operário. Trata-se da luta pela socialização e se distingue radicalmente das experiências históricas burocratizantes que tinham como fim a estatização dos meios de produção. São momentos na história da classe operária em que sua ação tem como objetivo a construção da sociedade comunista. O termo “autogestão social” surgiu na segunda metade do século XX, em manifestações que contestavam a sociedade capitalista, porém passou a ser remetidas a experiências históricas anteriores com o objetivo de evitar confusões entre o significado dessas lutas e o capitalismo de Estado que erroneamente é chamado de “comunismo” por diversos agentes e meios de comunicação. Enquanto o comunismo, na realidade, é a autogestão social ao invés do capitalismo de Estado. (SOUZA, 2011, p. 77).

Portanto, para Marx, são as lutas operárias que podem fazer com que essa sociedade deixe de ser capitalista, que a transforme de um modo de produção pautado em relações de dominação para uma sociedade autogerida pelos próprios produtores.

Se a característica do capitalismo é seu modo de produção, distinto dos modos de produções anteriores a ele, como o foi o Escravismo, o Feudalismo, o Capitalismo traz em seu bojo a exploração do trabalhador, ou seja, a apropriação de seu trabalho pela burguesia. Essa força de trabalho é sempre mal remunerada, desde os primórdios do sistema capitalista, por não ter acesso aos bens industrializados, o que acaba fazendo com que a burguesia acabe não dando ao trabalhador o que de direito deveria ser seu, o bem fabricado, criado por esse trabalhador.

É com essa perspectiva teórica pautada pelo Método Materialista Histórico Dialético que Anton Pannekoek traz a discussão sobre a tomada de consciência, ou seja, como a organização que Marx demonstra possível se desenvolver a partir do proletariado, e que coletivamente leva a uma revolução popular, movimento este que pode mudar sua história. O próprio Pannekoek coloca que.

A tarefa essencial, no mundo novo, consistirá em encontrar uma forma de organização constituída por uma coletividade de produtores, livres e associados, que controlem, tanto nos atos como na concepção destes, a atividade produtiva comum, regulamentando-a segundo a sua própria vontade, mas com poderes idênticos para cada um; será um sistema social totalmente diferente do antigo. (PANNEKOEK, apud MARQUES, 2011, p. 31).

A destituição da burocracia permite justamente que os trabalhadores, regem e governem os seus trabalhos dentro das indústrias, usinas, etc. Se tomarem em suas mãos a organização da sociedade, eles abolem o comércio e também os partidos, assim como as instituições e mesmo os setores autárquicos, pois são reduzidos ao mínimo possível, se não extinguidos, pois a organização do trabalho é responsável por tudo isso, e Pannekoek ainda diz:

Só têm um objetivo: tomar o poder e exercê-lo. Não contribuem para a emancipação do proletariado, pois sua meta é governá-lo. Mas apresentam seu domínio como fosse a autêntica emancipação do proletariado. Tais partidos são aparelhos que lutam pelo poder e, após enquadrar os militantes na linha justa, utilizam todos os meios, visando à constante expansão de sua esfera de influência. (PANNEKOEK, 2008, p. 02).

Portanto, todos os meios para desestabilizar o trabalhador são feitos pelo sistema capitalista que cria as mesmas condições através das quais o oprime e o faz parecer como um “escravo” desse sistema. Impõem a ele, um policiamento velado por parte de patrões, burocratas, governos, tanto federais, estaduais ou municipais. Colaboram para o fazer atrelado a eles, e se possível tolher qualquer forma de reivindicações, dando ares de contentamento pelo o que lhe é oferecido em forma de salário, sendo essa a maior reivindicação, por aumento de salários.

Dentro dessa contextualização o que Marx chama de mais-valor é a realidade vivida pela classe operária no capitalismo, Pannekoek traz isso para o campo das lutas de classes as quais Marx dizia serem elas que mudariam os modos de produção, mudando até mesmo de mãos, com os quais a economia capitalista explora os trabalhadores com a extração do mais-valor.

O modo de produção capitalista é o único responsável por essa disparidade social entre ricos e pobres, ou seja, classes diferenciadas pela quantia de dinheiro que conseguem acumular, ou seja, na verdade, pelo acúmulo de capital: dinheiro em espécie, ouro, prata, pedras preciosas e principalmente terras. Sim terras, elas são desde a antiguidade, seja, a antiguidade grega,

egípcia, mesopotâmica, persa, chinesa, etc. a grande vilã, pois ter terras, ou melhor, ter muitas terras, é sinônimo não só de latifundiarismo, mas, sobretudo de poder.

É justamente o poder que se arrasta desde a antiguidade, passando por modos de produção escravista, feudalista, que se desemboca no capitalista. Esse modo de produção é que nos importa aqui nesta pesquisa. O modo de produção capitalista como um todo, mas especificamente é meio de exploração capitalista entre as classes sociais existentes, mais especificamente a exploração da burguesia sobre a classe operária. Nas usinas de mineração em Niquelândia (Votorantim Metais e Anglo American S/A), no ano de 1988, entre novembro e dezembro, a classe operária desencadeou uma greve geral de 42 dias, colocando em cheque o capital dessas empresas.

É esse assunto que se desenvolve a partir desta exploração sofrida pelo proletariado nos locais de trabalho. Vivendo nesta situação de exploração é que o proletariado busca criar sua própria organização. Se auto-organizando consegue superar a sua condição de dominação. É nesse processo que os trabalhadores vão se conscientizando de que podem superar a exploração lutando.

Para discorrer sobre organização trazemos a fala de Edmilson Marques em seu artigo A Questão da Organização Proletária em Anton Pannekoek, no qual aborda essa questão de conscientização das classes operárias como sendo uma forma de pensar a mesma. Quando se refere à questão de consciência de classe ele afirma o seguinte:

Na concepção de Pannekoek, enfim, a negação e destruição de toda organização burocrática, e fundamentalmente, da organização da produção capitalista, portanto, é necessária e indispensável para fortalecer a possibilidade de uma nova sociedade. Uma sociedade estabelecida numa nova organização, onde os Conselhos Operários existirão inicialmente e poderão vir a desaparecer no futuro, dando lugar a formas mais elaboradas e desenvolvidas de organizações autogestionárias, através das quais os trabalhadores farão, em conjunto, prevalecer uma organização mundial fundada nos sentimentos, vontades e em relações determinadas pela solidariedade entre os seres humanos, organizações autênticas. (MARQUES, 2011, p. 45 - 46.)

Portanto, essa organização representa a tomada de consciência através da qual a classe trabalhadora pode refazer as condições de suas vidas. Quando se unem nesse objetivo sua força pode se igualar à força burguesa e conseguir criar

uma situação que possa desembocar na transformação social. Sabe-se que a perspectiva de mudança é abafada pela classe dominante, aqui especificamente, a patronal, fazendo com que a visão capitalista tire desses operários alguma perspectiva de mudança.

Mas o que Marx, Pannekoek e outros teóricos trazem de diferente, é essa perspectiva que possibilita a luta por mudanças no quadro da sociedade capitalista, e ela passa pela revolução social, ou revolução popular, das quais o “povo” trabalhador é a força que pode colocar fim ao capitalismo.

Por ser “povo”, aglomeram em favor de suas reivindicações, levando à tomada de consciência, da qual, conjuntamente, consegue transformações nas relações de produção e conseqüentemente mudanças em favor de uma sociedade igualitária sem uma exploração baseada em lucros e juros.

Dentro da sociedade capitalista os partidos políticos e os sindicatos são capítulo a parte, pois Pannekoek os enfatiza por suas características de manobras, ou seja, são instrumentos dos capitalistas contra os trabalhadores.

As leis sempre serão para reprimir, para manter a ordem. Mesmo que tenha alguma expressão de benefício para os trabalhadores, sempre servem à classe dominante. Com a ação, pelo amparo sindical e amparo político, tornam-se enganadores e mentirosos quanto ao que realmente pretendem fazer contra a classe trabalhadora.

Mas o que os dois, partidos políticos e sindicatos, realizam são o oposto ao que aparece em seus discursos. Pois amparam patrões ávidos por lucros maiores e também o próprio Estado. Uma vez que ajudam a manutenção da sociedade de classes e contribuem para que se possa recolher impostos maiores desses trabalhadores, lesando ao que o trabalhador tem de mais valioso, a sua força de trabalho.

1.2 - Dos Sindicatos

Os sindicatos são historicamente organizações que surgiram para lutar em conjunto com os trabalhadores, mas na realidade, isso não acontece. Assim, os sindicatos que deveriam estar lutando ao lado do operário, em favor desses, o

que faz é aliar ao capitalismo, portanto, fica sempre limitado ao mesmo. O que seria uma forma natural deixa de ser.

Pannekoek afirma que os sindicatos são a forma de organização natural do proletariado, deriva da função social do proletariado como vendedor da força de trabalho. O seu objetivo é conseguir melhores condições de venda da força de trabalho, a luta contra o patrão pela melhora das condições de trabalho é a forma primeira e instintiva da luta de classes. (PANNEKOEK, 2007 a.) Os sindicatos não são órgãos da luta revolucionária contra o capital e sim órgãos de reivindicação e estabilidade do capitalismo. O seu objetivo fundamental é garantir o pagamento da força de trabalho por seu verdadeiro valor. (VIANA, 2011, p. 50-51).

Os sindicatos deveriam ser uma organização favorável ao trabalhador, mas o que vemos é ele aliado ao patronato, deixando o mesmo trabalhador na condição que a burguesia lhe impõe, lutando só e por si mesmo. É por isso que na luta não devem contar com o sindicato. Estes devem se autorganizar no processo revolucionário, e abolir os sindicatos.

Mesmo fazendo o discurso de que está lutando pelo trabalhador, o sindicato, não está. Tornam-se um empecilho para o trabalhador, às vezes, não nota o quanto os sindicatos obstruem em questões que podem resolver, desde que se una e torne uma força revolucionária.

Essa força da qual o operário adquire quando se organiza em função de sua classe, ele perde quando se deixa conduzir por infiltração do sistema capitalista dentro do sindicato. Se na luta cria uma organização própria de trabalhadores, é comum depois se submeter a uma burocratização sistemática.

Nildo Viana coloca no seu artigo, Anton Pannekoek e a questão sindical, como isso é usado pelo capitalismo contra o proletariado.

Os sindicatos não são órgãos da luta revolucionária contra o capital e sim órgãos de reivindicação e estabilidade do capitalismo. O seu objetivo fundamental é garantir o pagamento da força de trabalho por seu verdadeiro valor: (VIANA, 2011. p.51)

O proletariado uma vez desamparado por seu órgão de maior representatividade, mesmo dizendo que é a favor do trabalhador, será na realidade o grande causador de uma quebra de força desses, diante das reivindicações por melhoria salarial ou qualquer outra reivindicação que almeje.

O sindicalismo, ou a sindicalização, torna-se uma forma de controle dos trabalhadores dentro e fora das fábricas. Pois, desde que o capitalismo instituiu um órgão para criar estatutos ligados aos das leis trabalhistas em vigor, torna-se um reforço aos ditames legalizados, do qual, os mesmos patrões escondem, fazendo-se de indiferentes aos funcionários, são na realidade responsáveis, mas, não os assumem.

Toda uma coerção acontece no meio sindical, sendo um instrumento coercitivo contra o proletariado e aqui referimos ao SITIEN que é quem faz essa interligação junto aos patrões, nas indústrias a ele atreladas. Estes sindicatos tornaram instrumentos chave para a derrota na greve de 1988 em Niquelândia.

O papel do sindicato segundo Mauricio Tragtenberg em seu livro Reflexões sobre o socialismo é o de uma combinação entre patrão para discutir salários com o sindicato, esse sendo órgão burocratizante do estado formam o que ele diz: “É um sindicato atrelado ao Estado, cuja preocupação consiste em controlar a massa operária, falar e negociar às suas costas.” (TRAGTENBERG, 2008, p. 103.)

Historicamente o sindicato como instrumento criado, para favorecimento do trabalhador, mas o capitalismo se apossa destas organizações e as burocratizam e tornando-as órgãos escusos, que pelas costas esfaqueiam o trabalhador ao favorecerem os patrões na hora de negociar os salários.

Nisso Tragtenberg acrescenta ao dizer:

Por meio do capitalismo sindical, o capitalismo moderno se redimensiona: o capitalista cuida das máquinas, o sindicato cuida da disciplina da mão-de-obra. Noventa por cento das entidades, grupos ou partidos que trazem o nome “operário” têm a finalidade de controlar o operariado. (TRAGTENBERG, 2008. P. 103 e 104.)

Portanto essa força tem que ser combatida pelos trabalhadores fazendo com que ela retorne as suas origens. Assim, “após ser sufocada ela renasce e assume a forma de auto-organização, reivindicando autonomia ante o capital, privado ou estatal”. (TRAGTENBERG, 2008, p.104.)

A busca por respostas a esse modo de organização sindical dentro do capitalismo é o que atrapalha os trabalhadores autogerirem suas vidas, dentro e fora das fábricas. Coisa que só mudará via revolução popular, ou seja, uma sociedade que lute por si mesma sem intermediários, que os impedem de lutarem pela transformação social.

1.3 - Dos Partidos Políticos

Para Pannekoek a questão da organização está ligada à questão da consciência, da qual ele tem em Marx sua grande referência, quando o mesmo diz: “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (MARX e ENGELS, 1984, p. 23). Quanto à luta de classes, o que fundamenta suas bases elementares no capitalismo é a luta entre patrão e o empregado.

É da consciência de classe do proletariado revolucionário, que nasceu em Niquelândia, o ímpeto pela greve. Os dois piquetes em frente às duas indústrias extrativistas de minérios, Votorantim Metais e Anglo American, sofreram com a limitação imposta pelo SITIEN que infiltrado manipulou-os diante desse patronato ávidos por lucros. Interessante ver a junção entre sindicatos e partidos políticos.

Após o fim da ditadura militar, com ajuda da recém escrita Carta Magna a “Constituição” do Brasil, no mesmo ano de 1988, promulgada no Congresso Nacional, define as bases para todos os partidos políticos em território nacional.

Em seu artigo Anton Pannekoek e os Partidos Políticos, do livro A questão da organização em Anton Pannekoek, Renato Dias de Souza coloca qual é os reais interesses dos partidos políticos dentro do capitalismo.

Tratava-se de tomar parte na luta dos que pretendiam construir o ‘poder social’ do operário e que nada tem a ver com os partidos políticos que têm como fim a democracia representativa ou a mudança restritamente política da classe que exerce o poder. (SOUZA, 2011, p. 81).

Com essa visão de representatividade partidária, a qual Renato Dias de Souza teoriza bem, nos leva a entender a ação política por traz do movimento grevista. Em 1988 viriam acontecer eleições municipais, conseqüentemente o PT e demais partidos que faziam parte dessa representação capitalista por poder queria tirar proveito da ação popular da greve.

O PT local estava nascente, com pequena expressividade, mas, com a greve liderada por integrantes do mesmo, era o que precisavam para desenvolver os interesses políticos partidários.

Anton Pannekoek, também contribuirá em seu livro A Revolução dos Trabalhadores trazendo o foco para As Greves Políticas, tema de um dos

capítulos, quando fala sobre o envolvimento operário com partidos políticos, especificamente uma que houve na Bélgica (1893) das quais trazem uma história de poucas vitórias.

Mesmo assim, é relevante para nós vermos como está interligado um caso que aconteceu no século XIX na Bélgica com esse de Niquelândia, 95 anos depois, quando diz ele:

A história do movimento operário conheceu mais greves políticas seguidas de insucessos que de sucessos. Este gênero de greves procura imporem a vontade dos trabalhadores a um governo da classe capitalista. É uma espécie de revolta, de revolução, que desperta o instinto de conservação da classe dominante e a leva a repressão. Estes instintos só são reprimidos quando uma parte da própria burguesia se sente incomodada pelo arcaísmo das instituições políticas e sente necessidades de reforma. As ações das massas operárias tornam-se então um instrumento de modernização do capitalismo. (PANNEKOEK, 2007, p. 139)

No caso de Niquelândia, esse insucesso se deu também pela infiltração de partidos políticos, como o foi na Bélgica. Este é o caso que aconteceu com o SITIEN que pretendia na realidade chegar à classe que exerce o poder, ou seja, pela eleição direta tentam entrar na Câmara Municipal e à Prefeitura de uma só vez.

Os partidos políticos são formados para ser uma ponte ao poder, pelo caminho da representatividade. Usam uma classe social, comunitária, de bairro, religiosa, campesina, cooperativista ou mesmo as ONGS, de acordo com seus próprios interesses, fazendo com que as mesmas tornam-se cabide de interesses.

Muitas das vezes são movidos por interesses particulares, usando a classe operária como massa de manobra. Essas massas humanas, operárias, são usadas de diversas maneiras, tais como: políticas, sindicais, patronais, comerciais, econômicas, etc.

No ano de 1988 em Niquelândia não foi diferente, o Partido dos Trabalhadores (PT) local usou a classe operária das duas grandes empresas, do campo da mineração, como massa de manobra junto ao seu sindicato.

Filiando-o às eleições no mesmo ano, 1988, uma vez com seus membros dentro do sindicato e do partido, lideraram uma chapa partidária, e as greves nas duas empresas ao mesmo tempo, infiltrando-se nos piquetes, em forma de

barricadas, nos portões das mesmas, fazendo da greve palanque para as eleições.

Partidos políticos provam, no caso de Niquelândia, como uma greve se torna em instrumento de interesses das classes dominantes ou das quais estão em caminhos da dominância, aqui cabe lembrar como a política puxou para si a força maior.

1.4 - A Greve

Podemos compreender a questão da greve em si, pois o piquete é consequência da mesma. No momento em que é deflagrada a greve começa os preparativos para a interdição e tomada das fábricas.

A assembléia é realizada momentos antes de deflagrar a greve e logo após acionado o comando de greve, ou seja, correspondendo aquilo que Marx e Pannekoek chamam de provenientes dos Conselhos Operários, responsáveis pelo funcionamento e bom andamento das fábricas e com os quais acabavam com a burocracia dos gerentes.

A greve resulta porque os trabalhadores estão unidos e cheios de entusiasmo, face a uma classe proprietária dividida. Paradoxalmente, ela pode atingir o seu fim, não porque a classe capitalista esteja fraca, mas porque o capitalismo está forte. (PANNEKOEK, 2007, p. 139).

É dessa força, desse entusiasmo, que os sindicatos, partidos políticos, patronato irão utilizar para disputarem o domínio, ou a supremacia de um sobre o outro. Se por um lado os operários estão unidos e animados, o patronato tem a seu favor o sindicato, com os partidos, ou no caso aqui, o PT, usado para controlar a greve.

A greve de 1988 em Niquelândia, na Votorantim Metais e na Anglo American S/A, é a expressão de como as greves podem favorecer a união entre os trabalhadores, ou mesmo como Marx os chamam de proletariados.

São eles que devem manter uma união em favor de suas reivindicações. Mesmo que estas não sejam atendidas em um primeiro momento, é necessário recomeçar de novo, e assim, fazer explodir novas greves e ainda mais radicais.

Para isso é preciso à classe trabalhadora manter unida e animada como se refere Pannekoek:

As ações de massas e as greves universais são a luta de duas classes, de duas organizações que, apoiando-se cada uma na sua própria coesão, procuram que a outra dobre e, finalmente, quebre. Isto não pode fazer-se no decurso de uma única ação; é preciso uma sucessão de lutas, toda uma época de revolução social. Porque cada uma das classes antagônicas dispõe de recursos profundos, que constituem a base do seu poder e que lhes permite refazer-se depois de um revés. Os trabalhadores podem ser desencorajados e vencidos num dado momento, as suas organizações podem ser destruídas, os seus direitos abolidos, mas as forças sempre em movimento do capitalismo, as suas próprias forças internas e a sua vontade de viver, erguê-los-ão uma vez mais. (PANNEKOEK, 2007, p. 176).

Portanto, serão as forças da massa trabalhadora, que mesmo com as reinvestidas do capitalismo, não se deixam reagruparem. Reanimados por novas reivindicações, os trabalhadores levam o movimento libertário, no caso a greve, como sendo sua luta por uma nova sociedade, destituída de exploração. Mas isso aparece em um primeiro momento através da luta por reivindicações, por melhores salários, melhores condições de trabalho, menor jornada de trabalho etc.

Por isso Pannekoek lembra de que é uma sucessão de lutas e não uma luta só. Uma vez que a burguesia, o estado e as organizações que os representam sempre se colocarão à frente para barrar a classe operária, quanto às suas reivindicações e necessidades. Diante do capitalismo liderado pelo patronato, que busca o lucro desenfreado, é que se dá o conflito das classes sociais.

Quando os operários têm então que se realinharem em uma nova tomada de força diante do capitalismo explorador, é que os patrões se colocam à frente dos mesmos. Nesse contexto, faz necessária outra medida a ser tomada pelos operários, que é a greve. E essa greve pode ser o que Pannekoek irá chamar de greve selvagem.

A greve Selvagem é esse momento ao qual separam sindicatos e partidos políticos dos trabalhadores. “A greve selvagem é realizada quando os trabalhadores descobrem que os sindicatos são incapazes de efetivar sua luta contra o capital”. (PANNEKOEK, 1975c, p. 74)

Esses partidos e sindicatos não mais são organizações que ajudam a luta do proletariado por melhorias de salário e conseqüentemente de vida. Para isso uma revolução, ou seja, uma ação popular radical, a qual eles, os próprios proletários, tomem a frente da luta para conseguir atingir o seu objetivo de classe, a transformação social. Os partidos e o sindicato da categoria tentam minimizar as forças operárias das quais Pannekoek alerta que é um marco a ser transpassado:

Neste marco, a forma de organização em sindicato e partido, originária do período do capitalismo ascendente, já não apresenta a menor utilidade. Com efeito, se metamorfosearam ao serviço dos chefes que não podem nem sequer comprometer-se com o combate revolucionário. A luta não depende dos dirigentes: os líderes operários [sic] detestam a revolução proletária. Para levar este combate têm, pois, necessidades de formas de organização novas que conservem seus elementos de força. (PANNEKOEK, apud VIANA, 2011, p. 74).

Os novos elementos de forças ao qual Pannekoek se refere é a posição do trabalhador em organizarem-se sem partidos e sindicatos. Portanto, lutarem através de organizações próprias pelas suas causas, mesmo que isso leve o capitalismo a alegar pela força da lei de que a greve é ilegal, mas que os operários junto à própria, lei trazem as leis trabalhistas defendendo seus direitos.

Neste caso, inclusive o direito de greve, ou seja, reivindicar mediante greve, mesmo que seja em forma de revolução. Pois, sem sindicato e principalmente partidos políticos, não tem como o Estado ir contra a força popular, a não ser pela força militar, a qual corre o risco de ser desmoralizada pela desigualdade de forças, pois operários não usam armas, a não ser a arma da organização e da luta coletiva.

O capitalismo está contra a vida da classe operária, pois se ele nega uma melhoria da mesma mediante reivindicações por melhores salários, é por que quer matar a vida do operário, ao invés de salvar as vidas dos mesmos. Pannekoek critica os partidos políticos e os sindicatos, pelos mesmos não demonstrarem como os movimentos populares e trabalhadores possam sair desse engodo, que são eles mesmos.

Em Niquelândia vimos isso, ou seja, os trabalhadores na década de 80 do século passado se organizando junto ao conselho de greve de cada empresa mineradora e depois unindo forças em uma assembleia, só para depois eclodir a

greve nos dois portões das suas fábricas. Com isso, esse percalço enumerado por Pannekoek, foi possível assimilá-lo, uma vez que em Niquelândia fez o passo a passo desse engajamento do movimento dos trabalhadores. Foi um fenômeno que tomou conta da população e por pouco não se fez um movimento coletivo de uma população local, ou seja, de toda a cidade.

É pela espontaneidade de um povo, ou seja, de sua vontade deliberada em um dado momento, que se desenvolve o movimento popular revolucionário, em que uma parcela da população vai à luta por seus direitos, inclusive o de greve, travando uma luta para unirem-se contra a classe dominante.

Marx e Pannekoek têm a mesma opinião quanto às explorações das massas populares e a forma espontânea de manifestarem o seu descontentamento. É assim que a massa trabalhadora, apta ao trabalho, os que se encontram desempregados, espontaneamente partem para o enfrentamento e aderem às greves e lutas por reivindicações..

Os capitalistas querem como força de trabalho apta a serem explorados, pois, para eles, tudo é questão de valor e preço. A força de trabalho do operário nessa sociedade não é diferente, torna-se como uma mercadoria, podendo ser trocada por um salário, ao qual desvaloriza simplesmente por ser cotado pelo patrão.

O dono da força de trabalho, que é o operário, recorre às greves em busca de valorizar o que lhe pertence, ou seja, sua capacidade de trabalho. Nesse contexto é que em Niquelândia os operários foram enfraquecidos pelo sindicato local e o partido dos trabalhadores.

CAPÍTULO II

2. - As Ações que Culminaram na Greve de Grandes Proporções Municipais, em Niquelândia.

Neste capítulo procuraremos descrever sobre os acontecimentos da greve na região de Niquelândia e seus piquetes. Desenvolveremos principalmente, as falas dos entrevistados. Neste caso, os nossos entrevistados e suas posições durante os acontecimentos da greve.

Esses senhores são: Dimas Antônio da Silva, José Roberto Braz de Queiroz, Gildinei Gomes Gonçalves, Milton do Carmo Nunes Fonseca e Cícero Juventino de Oliveira. Todos eles eram trabalhadores das respectivas empresas, Votorantim Metais e Anglo American e estiveram ativamente na greve.

Dimas Antônio da Silva é técnico metalúrgico e era gerente na seção 500, sendo parte da Via Seca e ainda hoje trabalha na empresa, sendo que hoje está ligado à parte de projetos.

José Roberto Braz de Queiroz é técnico em eletrônica, era auxiliar de eletricista e prestava serviços de manutenção na seção 900, que fica na Via Úmida.

Gildinei Gomes Gonçalves era operador de painel, sem formação técnica. Trabalhava no painel da seção 900, também na Via Úmida.

Milton do Carmo Nunes Fonseca era guarda na portaria do CHC, Conjunto Habitacional Codemim, que na época era de responsabilidade da empresa. Esse lugar se localizava fora da Usina hoje é parte do bairro do Jardim Atlântico em Niquelândia. O Sr. Milton era guarda nesse conjunto habitacional, e atuava como guarda, também na portaria da empresa. A mesma fica a 45 km da cidade de Niquelândia. Na época da greve, ele prestava serviços de guarda no CHC⁴.

Cícero Juventino de Oliveira era operador de virola na área de metalurgia da então Codemim, hoje, Anglo American. Não tinha formação técnica metalúrgica, mas fazia o trabalho técnico na época da greve.

4 Conjunto Habitacional Codemim.

A Anglo American é uma empresa de extração mineral multinacional. A mesma explora o Níquel em forma de lingotes de ferro-níquel, isso na época da greve em 1988. Hoje ela extrai minérios em forma de granulações metálicas dessa liga de ferro-níquel.

A Votorantim Metais extrai o Níquel em forma de CbNi, conhecido como Carbonato Básico de Níquel. As duas empresas têm jazidas a céu aberto. Essa extração é feita por maquinário de grande porte: Caminhões chamados de Três Cargas e outros de Centopéia⁵.

Na Anglo American o sistema das usinas, dentro da fábrica, processa o minério em autos-fornos, é o processo denominado de metalurgia. Já na Votorantim Metais é um misto do que é chamado de Via Úmida e Via Seca, onde o minério é trazido das pias de homogeneização.

Essa homogeneização é respectiva nas duas empresas, e se refere ao sistema de moagem e peneiragem do minério, para depois serem levados aos autos-fornos e oxidados. Ao saírem dos fornos, o sistema da Votorantim os faz passarem por um resfriamento provocando a sua redução.

Portanto, na Votorantim o minério é Oxidado e depois reduzido. O resfriamento é feito para reduzi-los, e esse processo é feito nas chamadas baterias de Lixiviação. Nessa parte injetam ar nas mesmas, juntamente com a solução aquosa de Amônia, chamada de Solução Amoniacal. Essa solução em 130 ml/g por litro de água faz a quebra por processamento químico das partículas minerais as separando dos demais minerais.

Essa é a chamada via úmida do processo da Votorantim. Em seguida, depois da Lixiviação, são levados para grandes decantadores, os quais formam uma pasta negra, chamada de Lama, sendo aí decantada.

O transbordo desses decantadores é chamado de Solução Mãe, a qual é levada para vaporização e extrai a pasta que transformará em CbNi. O CbNi é levado para secagem e moagem sendo transformado em um talco muito fino. Esse talco é então enviado para São Miguel Paulista. Lá ele é metalizado via eletrolítica, processo esse denominado eletrólise. É nesse momento que o Carbonato, ou talco, é colocado em um grande recipiente, juntamente com ácido

5 As centopéias são também caminhões de grande capacidade de carga como os três cargas.

Sulfúrico, e grandes eletrodos dão descargas elétricas para metalizá-lo no processo químico, eletrolítico.



Torre de vaporização de Solução Mãe na Votorantim Metais. (foto: Dimas Antônio, década de 1990.)

Na Anglo American o minério, ao sair dos fornos, vão para grandes painéis, chamadas de Virola, as quais por sistema de metalurgia são metalizados em liga de ferro-níquel. O mesmo é hoje feito por meio granulométrico. Antes eram em lingotes.

Ressaltamos que cada um dos entrevistados trabalhava em uma das duas empresas, a Votorantim Metais e a Anglo American em áreas diferentes. Faremos uma exposição dos entrevistados no sentido de enfatizar elementos mais importantes da greve e dos piquetes que ocorreram em Niquelândia, e faremos isso através de suas próprias palavras.

Os três primeiros entrevistados respectivamente trabalharam na Votorantim Metais, sendo que o Senhor Dimas Antônio da Silva ainda hoje trabalha na empresa, os dois outros, José Roberto Braz de Queiroz e Gildinei Gomes Gonçalves, estão desligados da empresa.

Os Senhores, Milton do Carmo Nunes Fonseca e Cícero Juventino de Oliveira eram da Anglo American, hoje desligados da empresa. Sendo que o Senhor Cícero Juventino de Oliveira ainda hoje é do Sindicato.

A Cia. Níquel Tocantins, hoje, Votorantim Metais é uma empresa da área de mineração. Em seu processo há o que ficou chamado de duas etapas: a primeira da via seca e via úmida, sendo sua atuação em Niquelândia com um sistema misto, entre exploração a seco, constando de moagem e peneiramento da matéria prima⁶ extraída das jazidas e adentrando as usinas dos autos-fornos, que é chamado de oxidação.

A oxidação é o processo ocorrido dentro dos refrigeradores horizontais na seção 500 para a seção 600. Essa oxidação é feita após o processo de redução ocorrido dentro dos fornos. Naquele ano de 1988 havia apenas um forno vertical em funcionamento e outro sendo construído. Hoje são nove fornos funcionando e o décimo em construção. Os resfriadores horizontais são dois, os mesmos do ano de 1988 que são utilizados até hoje.

Já a outra etapa é a da via úmida. Essa consta do que é chamado de redução. A matéria prima, uma vez saída dos fornos são resfriados, nos resfriadores, horizontais, para a Lixiviação⁷. Essa etapa ocorre um processo químico por uma Solução Amoniacal 130mg/l⁸ no qual se efetiva o processo redutor de separação das propriedades do Níquel transformando-o em um extrato em forma de lama preta.

Na Codemim, hoje Anglo American, usa o processo de Metalurgia. Essa empresa faz também o processo de moagem e peneiramento da matéria prima vinda das jazidas. Ao entrarem nos Autos-Fornos ocorre a oxidação. Só que depois vão para o que é chamado de virolas e a redução do material saído dos Auto-Fornos são fundidos com material, o qual faz o processo químico na fundição.

Com essa rápida visão do que são os Processos Industriais nas duas empresas mineradoras, pode-se ver como são complexas em suas elaborações

6 Essa matéria prima é o substrato, ou seja, o que para os leigos seriam simplesmente terra comum, é a concentração nessa terra da qual irá extrair os minerais nela contido. Ao menos os mais requisitados na Votorantim, sendo o Níquel primeiro depois o cobalto e por fim na sufetagem o cobre. Mas cobre é só quando na seção 800 ocorre essa sufetagem. Não é contínuo a sua extração.

7 Lixiviação é o processo químico ocorrido dentro das chamadas, "baterias". Essas baterias são como gigantescas painéis como se fossem de pressão. São injetados ar de processo no fundo das mesmas fazendo ocorrer o que são chamados de reações exotérmicas. Essas reações do ar de processo com a solução amoniacal diluída a 130 ml/g proporcional a liberação dos componentes do Níquel o qual vão serem bombeados para os gigantescos decantadores.

8 Solução Amoniacal é quando a amônia anidra é diluída em água (H₂O) na proporção de 130 ml/g por litro. Isso implica que em cada litro de água há 0,30 g de amônia anidra.

para beneficiamento do minério por elas extraído. Essa extração por complexa que possa parecer é uma automatização que veio passando ao longo dos anos depois da greve. Isso as levou a reduzir o quadro de trabalhadores.

Hoje a Votorantim Metais tem entre 600 a 700 trabalhadores diretos. A Anglo American 300 trabalhadores diretos. Vemos como a automatização operacional vai tirando o trabalhador de seu meio de sobrevivência que é o seu salário, portanto, seu sustento é tirado.

Realizamos um pequeno resumo de como ocorre a produção e extração do minério, passaremos agora, para a análise das entrevistas, com objetivo de compreender a ação dos trabalhadores decorrente a greve.

2.1 - Das funções de Cada Trabalhador Entrevistado em sua Respectiva Empresa.

Iniciaremos pela fala do Senhor José Roberto Braz de Queiroz que realizava trabalhos de manutenção elétrica: “Trabalho que agente atuava na parte elétrica. Que a gente desenvolvia o trabalho junto com a mecânica, junto com a operação.”

Dimas Antônio da Silva já realizava os serviços de supervisão da via seca: “Bom, eu entrei na Votorantim Metais, antiga Companhia Níquel Tocantins em 1980 e desenvolvi o trabalho de supervisão na área de secagem e moagem e fornos de redução.”

Gildinei Gomes Gonçalves na época operava o Painel da seção 900, diz-nos: “Na época eu trabalhava de operador da prensa e do filtro a vácuo, depois passei para o painel principal, lá era praticamente quase o produto final onde eu trabalhei, na seção 900.”

Milton do Carmo Nunes Fonseca era guarda na portaria do CHC, que fica a 40 km da empresa, no caso, a Anglo American: “Nessa época eu trabalhei de vigilante aqui no CHC (Conjunto Habitacional Codemin), onde moravam os funcionários da empresa.”

Cícero Juventino de Oliveira era da área de fabricação de Virola. Essas são as chamadas Painéis de Fundação, e nos diz: “Trabalhava na Anglo na área de

fabricação de virola, no último piso da usina. Eu era o suplente na formação do sindicato, da diretoria do sindicato.”

Nestas apresentações passamos, a saber, sobre a função de cada um dentro das empresas. Volto a ressaltar que o Senhor Cícero naquele período já era da diretoria do Sindicato.

2. 2 - Dos Motivos que Cada Entrevistado Deram para que Culminasse na Greve.

A começar pela fala do Senhor José Roberto, faremos a exposição dos descontentamentos pelo qual passavam cada um dos entrevistados. Juntamente as falas de cada um trazem também seus pontos de vistas quanto aos colegas em geral. Utilizaremos a mesma seqüência de falas por ordem de entrevistas.

Esse descontentamento será notado na medida em que vão expondo o início do momento de greve. As greves ocorreram sucessivamente, ou seja, uma foi decretada em um dia e a outra no dia seguinte, e respectivamente nos dias 10 de novembro e 11 de novembro de 1988.

José Roberto Braz de Queiroz, da Votorantim Metais nos diz que:

A greve foi ocorrida no desfecho do salário, defasamento, inflação naquela época, muito relevante e aí com isso foi deflagrada greve no intuito de que poderia ser melhorado o salário dos funcionários. Como eu era também um funcionário, no grau de estagiário, já com um currículo pronto, pensando às vezes em um salário melhor também, então, com isso foi tudo influenciado e determinado essa greve.

Para o senhor José Roberto ficou claro que o esperado dentro de uma fábrica é a melhoria de salário. Com a greve, ele que era estagiário, se viu mais prejudicado com a mesma, pois, queria ser efetivado como técnico elétrico e não somente como estagiário com salário de ajudante de elétrica. A greve para ele foi um motivo para querer a classificação mais rápida para ter o salário de técnico. Portanto, a greve a seu ver é um instrumento reivindicatório que chegou em boa hora. Dando respaldo por melhorias de salários junto a chefia de seu cargo.

Na fala do senhor Dimas Antônio da Silva, também da Votorantim ele fará seu relato:

Bom, a greve, ela foi uma greve política. Ela foi desenvolvida e direcionada por um coordenador e/ou um supervisor de manutenção mecânica que tinha muita influência dentro da empresa, e essa pessoa, fez o movimento dentro da empresa, uniu com o pessoal do sindicato, e essa pessoa era candidato do partido PT (Partido dos Trabalhadores), e era candidato a vereador na cidade. Então, ele aproveitou a oportunidade para se promover e liderou todo o movimento de greve antes da assembleia que foi realizada no salão paroquial. Então, essa pessoa, esse supervisor mecânico. Aproveitou a oportunidade para fazer esse movimento que levou à greve em 1988

O senhor Dimas nos demonstra como que os partidos políticos tiram proveito da situação adentrando a greve. Com desculpa de tentar ajudar os grevistas, estão em busca de votos. As eleições municipais eram por aqueles dias, isso os faziam prometerem qualquer coisa a troco de voto. Essa pessoa a qual ele cita como influente é o senhor Xavier, candidato a vereador pelo PT. E viria a se eleger.

Uma coisa notória é a perda salarial da qual os entrevistados ressaltam, como veremos com o senhor Gildinei Gomes Gonçalves, ao qual realça a perda salarial ao dizer: “Na época foi por causa de salário, queria um aumento de salário lá, tava uma perda total, tinha lá uma perda salarial.”

Destas falas são a busca salarial como referencia para a greve. A política municipal acampa em volta dos grevistas como urubu em cima de carniça. Fazendo da greve mais uma greve política do que qualquer outro motivo.

Milton do Carmo Nunes Fonseca, que era da Anglo American e a primeira a paralisar, nos relata: “Iniciou assim, por causa da falta de salário e todo mundo pensava que se fizessem a greve a Codemin ia dar um aumento salarial, e então é que eles tentaram uma negociação e não conseguiram, e partiram para a greve.”.

O que o Sr. Milton do Carmo aborda por falta de salários, na verdade, é por aumento de salários. A defasagem salarial era tamanha que ele diz falta no sentido de estar faltando complementação salarial. Portanto, a greve era a porta para tentar buscar esse aumento salarial.

Cícero Juventino de Oliveira, também da Anglo American, é o mais específico quanto a essa paralisação, tanto do dia 10 como do dia 11 de novembro de 1988, ao nos dizer sobre a mesma. Vamos pegar sua fala por partes e analisá-la, para que seja vista a ação política dentro da ação da greve. Ele começa dizendo: “É o diretor, Erasmo, ele colocou apelido, naquela época nós

tínhamos o trabalhador, a maioria dos trabalhadores que da Anglo American, aqui, o caso, era Codemim na época. A maior parte da gente era daqui mesmo da região, da região do Bagagem.”

Dando a entender nessa fala do senhor Cícero que o senhor Erasmo menosprezava o trabalhador pelo simples fato de ser de uma região pobre do município. Outra fala sua é o quanto isso fez com que o trabalhador se revoltasse: “Então ele chamava o pessoal de bagageiro e falou, ironizou que o trabalhador não tinha conhecimento, não tinha moral, não sabiam nem o que era greve, que nunca ia acontecer uma greve em Niquelândia, que o trabalhador não tinha moral nem uma pra isso.”

Esse foi o ápice para estourar a greve como nos será relatado a seguir:

Isso no mesmo dia 10 de novembro de 88, e menos de uma hora essa questão esparramou na empresa pra todo mundo. Quando foi a noite, 07h00min da noite, a gente tinha a assembleia no clube da Votaram, (quis dizer), da Codemim, que hoje não existe mais, do lado do colégio Santa Mônica, um clube de palha tudo arrumadinho. Era lá que era o clube. Então, isso no Bairro Jardim Atlântico, nós conseguimos realizar a assembleias. O que o pessoal, chegando sete horas da noite, todo mundo gritando greve, greve, queremos greve, queremos greve, porque já estava irritado durante o dia com o que o diretor tinha falado do trabalhador, não deixaram nem a gente ler a pauta de negociação: nós não queremos ouvir isso, não queremos ouvir nada, oh Seu Egidio o sindicato todo nós queremos é greve, é greve, vamos mostrar pra esses vagabundos como é que faz, como é que usa de gozação com o trabalhador.

Vimos que o acúmulo de coisas contra o trabalhador como: defasagem salarial, menosprezo por parte de diretor, revolta por melhores condições sociais levaram á greve. Mas por traz de tudo isso são o sindicato e o partido dos trabalhadores (PT) que faziam maior pressão no trabalhador contra as fábricas.



Reunião de sindicalistas no antigo Clube da Codemim, ao lado do Colégio Santa Mônica no CHC, no Bairro do Jardim Atlântico (sentado de camiseta azul vê o falecido Sr. Xavier). (Foto: Cícero Juventino, 1986)

Outro momento na fala do senhor Cícero demonstra como se organizavam o sindicato, junto aos seus membros. Sem dizer que alguns deles eram candidatos á eleição daquele ano.

Vamos mostrar quem é o trabalhador, quem é o verdadeiro Bagageiro de Niquelândia. Por isso Julinho é que nós criamos esse documento que nós temos hoje, oficial, o jornal, o informativo do sindicato chamado “O Bagageiro” é em homenagem ao trabalhador na greve de 88. Esse diretor ele não foi linchado pelos trabalhadores porque nós, eu, o Egídio, na época era o presidente, o Marcílio, Toninho Jacaré e o Lagoa, tomamos a frente e não deixamos. O pessoal queria linchar ele dentro da camionete uma D-20 zeradinha da empresa, na portaria do CHC (Conjunto Habitacional Codemim). Eles queriam linchar ele ali e nós chegamos e tiramos e mandamos ele sumir, e a camionete dele saiu quase derrubando a portaria com tudo e vazou e livramos a pele do cara. Mas..., ficamos a partir daquele momento no dia 10 de novembro de 88 a partir daquele momento já ficamos, decretamos sessenta e duas horas, encaminhando o documento pra empresa, que era a greve. No dia seguinte, no dia 11 de novembro, a gente tinha a assembleia já marcada da Votorantim Metais no salão paroquial da Igreja Matriz, aqui na paróquia São José, com oitocentos e cinquenta trabalhadores. Na época fizemos essa assembleia, aonde foi decretada, cem por cento do trabalhador que decretou a greve. Também porque eles já... Os trabalhadores já estavam irritados porque a Codemim já era a segunda vez que tava parando, e a Votorantim não paravam uma vez. Começara a falar que lá não tinha homem, mesmo criticando a si próprio, então tinha que parar. Parou. Foi resolvido também, partiu direto pra greve no dia 11 de novembro de 88.

Como vimos na fala de cada um, os motivos que fizeram a greve eclodirem foram: A reivindicação por aumento de salários, mas, a motivação política e sindical foi à força principal para colocar os trabalhadores contra as empresas.

Estas questões em conjunto colaboraram para a intensificação do descontentamento dos trabalhadores de ambas as empresas.

3.3 - Das Ações Sindicais e Políticas Dentro do Contexto da Greve em Niquelândia.

Na fala do Senhor Cícero Juventino de Oliveira fica explícito esse caráter político. Aparece em sua fala o fato de ter sido o Sindicato seu maior ganhador com o feito. Feito esse que ocorre após 42 dias, logo após terem ficado os piquetes dos dias 10 de novembro na Anglo American e no dia 11 de novembro na Votorantim Metais. As eleições ocorriam no dia 15 de novembro de 1988.

Ao relatar de como começaram o sindicato, o SITIEN, o Senhor Cícero Juventino de Oliveira esclarece:

Bom, primeiro Julinho, que nós, naquela ocasião, nós tínhamos acabado de formar o Sindicato que nós queríamos o sindicato justamente, oficialmente, no dia 12 de agosto de 88, quando nós pegamos a carta sindical do então ministro do trabalho naquela época, Almir Baseanoto Pinto. Somos nós nas negociações de 88. A empresa tinha um diretor recém chegado na cidade e quando nós começamos as negociações ele começou ironizar é tipo de gozação, é desmerecendo do conhecimento do trabalhador de Niquelândia, especificamente enumerando uma a que seria praticamente além da gozação, uma piada, uma assim levando colocando uma... (Dando continuidade em outra seqüência da entrevista, em outro áudio.) é o diretor, o Erasmo.

Além de que isso coincidiu no mês de novembro com as eleições, o dissídio salarial tornou “prato cheio” para políticos e sindicalistas. As questões como essas que foram favoráveis para desencadear a greve paulatinamente como numa queda de dominós.

Nos relatos que colhemos há diversas questões que confirmam como a greve pode ser usada para fins eleitorais. As classes burguesas trazem atreladas a si os burocratas, no caso aqui do partido político e do sindicato ao mesmo tempo. Vemos como os sindicalistas e políticos atacam o trabalhador para colocá-lo contra a parede, ou seja, usá-lo simplesmente a seu favor.

O trabalhador desavisado, no caso de Niquelândia, eles estavam desavisados, ou seja, nunca haviam feito uma greve. Vemos depois de 27 anos

que se hoje houver outra greve o trabalhador saberá se organizar. Deixando sindicato, patrões e partidos políticos fora de seu caminho. Pois o próprio trabalhador pode lutar por seus direitos sem precisar dessa burocracia.

Também, na fala do Senhor Dimas Antônio da Silva, fica contundente o fato do PT, o partido que aproveitou do momento de greve, com seus integrantes ligados ao Sindicato local. Assim ele relata:

Bom, a greve, ela foi uma greve política, ela foi desenvolvida e direcionada por um coordenador e/ou um supervisor de manutenção mecânica que tinha muita influência dentro da empresa. E essa pessoa, fez o movimento dentro da empresa, uniu com o pessoal do sindicato. E essa pessoa era candidato do partido PT (Partido dos Trabalhadores), e era candidato a vereador na cidade. Então, ele aproveitou a oportunidade para se promover; liderou todo o movimento de greve antes da assembleia que foi realizada no salão paroquial. Então, essa pessoa, esse supervisor mecânico, aproveitou a oportunidade para fazer esse movimento que levou à greve em 1988.

Portanto, para ele a greve teve como ponto de partida o caráter político, uma política de aproveitamento das circunstâncias. Isso fica explícito também nas demais entrevistas como veremos a seguir, do senhor José Roberto Braz de Queiroz, o qual diz: “Tinha o próprio partido do PT, que tinha um candidato: o Xavier, que era o organizador, que era o nosso líder do partido, do sindicato, fazia parte do sindicato.”



Foto do movimento

sindicalista contra governo um ano antes da greve. (foto: Cícero Juventino, 1987)

Quando ele fala nosso líder é porque muitos trabalhadores, inclusive eles tinham filiado ao PT. Usavam a filiação partidária com desculpa de que assim

teriam força política contra os patrões. Pura enganação foi usada com uma desculpa bem falsa. Nunca o PT fez algo pelo trabalhador, que depois de 27 anos isso não se concretizou.

O senhor Gildinei Gomes Gonçalves nos relata: “Na época, fizeram a cabeça de todo mundo para parar por causa desse aumento de salário, mas na verdade praticamente isso aí foi um jogo de cintura para o PT eleger um candidato a vereador na época.”

O senhor Milton do Carmo N. Fonseca também confirma: “Tinha o partido político que era o Jonas, na época não me lembro direito, mas ele era do PT, praticamente essa foi movida por partido político e tinha também o pessoal do sindicato envolvido.” Com sua fala, o senhor Milton confirma como o partido político e o sindicato manipulava o trabalhador a favor de seus interesses próprios.

Desse modo é visto que o Estado apropria da forma organizacional do trabalhador, ao apossar do sindicato por meios de partidos políticos infiltrados. Isso é claro na greve de Niquelândia. Como um sindicato envolve com a militância política para explorar o trabalhador.

O senhor Cícero Juventino de Oliveira será mais preciso quanto à ação partidária do PT e do próprio sindicato, o SITIEN, quando diz:

Primeiro Partido foi o PT, até porque os outros partidos tinha medo de falar na greve e tinha medo da greve atrapalhassem eles. O candidato a prefeito nosso era o Jonas Duarte José da Silva e eu era candidato a vereador, nós abandonamos a campanha e ficamos cem por cento na greve. Tivemos candidato que abandonou, fizeram o contrário, abandonou a greve e foram pra campanha e inclusive usando a greve como escudo pra poderem angariar votos, e na última, último dia, nós fizemos uma assembleia geral aqui na Praça Silva Junior, onde nós colocamos mil e poucos trabalhadores na praça e adesivamos todo mundo com o adesivo “greve” inclusive na testa, e o delegado queria me prender, eu que era o maior articulador, que era eu e o Doutor Jonas Duarte, que seria o nosso candidato, que era o advogado e maior, e o candidato a prefeito que estava no palanque. Na época a gente estava com Delubio fazendo um discurso contra o Sarney, naquela época que nós fizemos na greve política, que os fizemos um caixão enterrando o Sarney, jogando dentro do córrego aqui do Baga, Bacalhau aqui.

Com essas falas fica explícito o quanto a política e o sindicato travavam uma luta a parte deixando os trabalhadores no fogo cruzado entre os dois. Esse aproveitamento da greve pelo sindicalismo, como o próprio Cícero diz que era candidato a vereador e tinham o advogado do sindicato, o Jonas Duarte,

candidato a prefeito. Isso demonstra qual interesse estava por traz da greve de trabalhadores.

Preparavam os sindicalistas e políticos, para terem melhoria de salários somente para eles. Terem “emprego” de vereador ou prefeito.

2. 4 - Das Ações Desenvolvidas para Manterem os Piquetes.

As ações que seguiram após as assembleias, tanto do dia 10 quanto do dia 11 de novembro de 1988, desembocaram-na montagem imediata dos piquetes. Um fato relevante, principalmente nas falas dos Senhores Milton do Carmo Nunes Fonseca e Cícero Juventino de Oliveira, é a quantidade de piquetes relatados por eles.

Próximo ao portão da Votorantim Metais havia um piquete, a uns 400 metros do portão principal. Mas para “cercar” os trabalhadores da Anglo American, havia três piquetes: um logo nos primeiros 5 km, que é o piquete relatado pelo Senhor Milton, o do CHC (Conjunto Habitacional Codemim) lugar que os trabalhadores residentes em Niquelândia passavam nos ônibus para apanhá-los.

Foi montado outro a sete quilômetros à frente, no trevo da Rodovia da Fé, a GO – 237, que faz entroncamento para quem vai para Colinas do Sul e Muquém, chamada antigamente por trevo do Mauricio Mineiro. Isso fica claro na fala do Senhor Cícero, quando diz:

Porque, nós tínhamos quatro piquetes oficial: o da Votorantim, era lá no Macedo, ali no cruzamento onde hoje tem uma rotatória grande lá. O da Anglo American era na portaria do CHC, lá na rotatória da Rodovia da Fé, indo pro Múquem, no antigo Mauricio Mineiro, e o outro na portaria da empresa, eram na Codemim.

Com essa quantidade de piquetes, quatro ao todo, conseguiram manter 42 dias de cerco aos trabalhadores para não furarem as greves. Sim, as greves, porque eram duas ao mesmo tempo, foram como uma manobra de guerra civil. Coisa antes nunca pensada pelos seus idealizadores e muito menos pelo apoio encontrado entre os trabalhadores, uma unanimidade.

O Senhor Gildinei Gomes Gonçalves, nos fala dessa organização de piquetes e sua forma: “A organização foi feita lá nos piquetes, até mesmo um

chefe meu da minha seção 900, eles falavam que a gente tinha que cumprir o nosso horário de trabalho lá na frente dos piquetes.”

Também o Senhor José Roberto Braz de Queiroz nos deu seu relato dessa organização:

O piquete era o seguinte: a gente chegava como era pra cumprir o horário, não tava trabalhando na empresa, mas a gente chegava pro piquete. E aí, o piquete, a gente tinha de orientar as pessoas para não subir lá pra cima, porque tinha muita gente querendo trabalhar, furar a greve, como eles dizia. Até diretores mesmo, querendo outras pessoas que não tavam sendo responsável no assunto, no protesto. E a gente era informado de que essas pessoas não poderiam subir aí, a gente tinha de barrar e fazer o que fosse possível.

Também dentro dessa organização dos piquetes havia os fura greves, os quais tinham que serem barrados, como é apresentado no relato do Senhor José Roberto Braz de Queiroz, ao dizer sobre o Senhor Carlos: “A empresa só teve um caso grave, que foi do diretor Carlos né, que chegou lá com a caminhonete um dia, aí ele tentou jogar o carro em cima do piquete.”

Ele ainda atesta sua presença nesse fato. “Eu estava presente, ele queria subir lá, mas ele não já era mais autorizado a subir lá, porque ele tentou passar a caminhonete por cima dos grevistas, teve um dia...”

Nesse relato do Sr José Roberto, quando perguntei se era um fura greve, ele confirmou e ainda disse que estava presente. Tiveram que fazer com que ele retornasse com o carro, a camionete, para não ser atacado pelos demais participantes.

Ele disse ter em torno de oito a dez homens naquele momento no piquete, os quais conseguiram proibi-lo de subir outras vezes. Passando para outro diretor, o senhor Cordeiro. Ele era recém chegado de São Paulo, era engenheiro de produção. Ficou responsável pela manutenção dos equipamentos que não podiam ser desligados.

O relato do Senhor Cícero Juventino de Oliveira demonstra como eram feitas as estratégias para evitarem os fura greves, quando diz: “E isso nós seguramos o pessoal, ficou meio que passar pelo serrado, nós pegávamos no meio do matão, tudo quanto é lugar tentávamos evitar aos máximos fura greve.”

Com isso vemos as estratégias impostas para manterem as greves, o sustento das mesmas pelos piquetes. São esses piquetes em sua quantidade de

dias de paralisação que conotarão o caráter de greve, disposta na teoria de Pannekoek, do qual daremos continuidade adiante com os estágios em que percorreram os grevistas e seus modos de manterem unidos.

2. 5 - Das Ações da Sociedade e as Pessoas Envolvidas.

Outro fator preponderante foi o tempo de greve. Foram ao todo, 42 dias, foi o bastante para criar um colapso no comércio local. Fato este que fragilizaram os grevistas, colocando os comerciantes contra o movimento grevista.

Novamente a fala do Senhor Cícero demonstra isso em dois momentos, em um primeiro momento: “O comércio inteiro se fechou contra o trabalhador, inclusive nós tivemos comerciantes que estavam ligados aos trabalhadores, na época candidato a vereador, que fechou o comércio dele pra não vender com medo do trabalhador depredar e estragar o comércio dele lá.”

Como o trabalhador estava sendo acuado de um lado pelo sindicato, que já havia passado as eleições, não faziam força para que o comércio atendesse as necessidades do trabalhador. Deixando os mesmo sem mantimentos e fazendo com que políticos pressionassem pelo fim da greve.

O segundo momento é quando diz: “Então nós temos todo esse trabalho que nós fizemos, sofremos muito, mas pra nós foi um aprendizado, que foi a primeira greve que a gente se enfrentava.

A partir do relato do Senhor Cícero, este fala sobre ser a primeira greve em que trabalhadores das mineradoras localizadas em Niquelândia, poderiam em outro momento levantar outro movimento grevista, visto que aprenderam como lidar com a situação perante as empresas e a sociedade. Inclusive ele ressalta ainda sobre a represália dos comerciantes em cima dos grevistas que pressionavam para que os mesmos retornassem aos trabalhos por medo dos prejuízos em seus comércios.

Demonstra bem como o sistema capitalista é individualista, valorizando sempre, os interesses particulares, nunca vê os interesses coletivos, ou seja, da sociedade em que a maioria é composta por trabalhadores que lutam por melhorias sociais, mas que, são marginalizados e desrespeitados em suas lutas. É por isso que a classe menos favorecida de capital é levada a lutar contra a classe dominante.

Passaremos para outros relatos, como o do Senhor Dimas Antônio da Silva, dando indícios de personagens como o já falecido Senhor Xavier:

Bom, conforme eu iniciei essa entrevista, esse supervisor mecânico que liderou todo o movimento, para que a greve acontecesse, era o Xavier. Era uma pessoa que tinha muita influência dentro da empresa. A empresa também tinha um time de futebol. E várias pessoas que trabalhavam na empresa defendia também a empresa com esse time de futebol. Então, era uma pessoa que tinha uma liderança muito grande, e ele foi quem organizou junto ao sindicato todo esse movimento.

Por essa fala, vamos ver que é quase unanimidade a percepção de que o Senhor Xavier teve uma influência no desencadeamento da greve. Como continuaremos a ver na fala do Senhor José Roberto Braz de Queiroz: “Tinha o próprio partido do PT, que tinha um candidato: o Xavier, que era o organizador, que era o nosso líder lá do partido, do sindicato, fazia parte do sindicato.”

O senhor Dmas e senhor José Roberto relatam bem essa ligação entre trabalhadores sendo usados por partidos políticos e sindicatos. Uma vez que os dois citam o senhor Xavier como esse elo. Era funcionário da Votorantim, tinha liderança sobre os colegas, era sindicalista e candidatou a vereador, chegando a ser eleito.

Fica claro como o trabalhador é explorado de todos os jeitos. Patrão o explora por seu trabalho. Sindicato o engana ao dizer que lutará a seu lado. Partido político diz que será a seu favor, em busca de leis que o favoreça. Com isso é ludibriado.

Também o Senhor Gildinei Gomes Gonçalves nos relata sua visão sobre os sindicalistas e ao mesmo tempo candidatos às eleições de 1988: “Na época tinha o Xavier e tinha o Jonas, era o Jonas, e tinha o seu Ozidio que era do sindicato.”

Quando em sua fala ele diz Seu Ozidio, viemos apurar depois que era o Senhor Egídio, presidente do sindicato naquela época. Outra fala sua nos traz outros nomes: “Bom, teve o Moraes, que é finado Moraes, que hoje já é falecido. Tinha o Márcio Calisto, tinha várias pessoas lá que agora no momento eu não lembro assim o nome”.

Vemos quantos sindicalistas eram necessários para organizarem tamanha greve. O Senhor Milton do Carmo N. Fonseca relata outros participantes: “Tinha os piquetes, os chefes da greve que eram o Toninho Jacaré, tinha um tal de

Ismael, que também era do Sindicato (SITIEN), tinha o Cícero, tinha um tal de Jonas também que era, ele tava a frente dessa greve.”

Desses nomes, Dimas Antônio, José Roberto, Gildinei Gonçalves, Milton do Carmo, relatados vimos a fala que mais caracterizou foi a do Cícero Juventino com o nome de “Puxadores”, termo usado para designar aqueles que estavam à frente da greve.

O Senhor Cícero fala-nos ainda de alguns outros nomes que foram repetidos várias vezes, como: “Quem realmente sustentou a greve foi eu, o Lagoa, Marcílio, Toninho Jacaré e o Egídio que era o presidente, e o Jonas Duarte que era nosso advogado e até hoje é o advogado do Sindicato de Niquelândia.”



Reunião membros do sindicato (SITIEN) ao lado da antiga sede, onde se vê da esquerda para direita, sentados o Sr. Cícero, Sr. Marcilio e Sr. Egídio de camisa vermelha. (Foto: Cícero Juventino, 1986)

Nessa fala do senhor Cícero conota a sua imperatividade ao dizer que esses nomes de pessoas citadas por ele fosse algo bom para o trabalhador. Mas na realidade são as pessoas que usaram o próprio trabalhador em pro de si mesmos. Irá logo a baixo dizer no senhor Xavier novamente como se fosse uma espécie de “mártir” da causa do trabalhador. Coisa que não foi, mas usaram como tal.

Ao falar do Xavier ele desabafa demonstrando o quanto ele era destemido ao puxar a frente de greve:

A Votorantim fez o contrário, demitiu a comissão de greve, que inclusive era encabeçada pelo nosso saudoso amigo, companheiro, que lutava muito junto com a gente, o Xavier, Ademir Xavier, que é, foi um dos

puxadores do comando desses, que formamos a comissão de greve, e a empresa nem deixou entrar mais na empresa.

Ao fim da greve o Senhor Xavier havia sido demitido da Votorantim por ser puxador, encabeçador de greve. Mas foi eleito vereador pelo PT e cumpriu mandato de quatro anos.

Ficaram latentes como esses trabalhadores fizeram vínculo de amizade. Este seja talvez um dos grandes relatos feitos que aponte a tamanha quantidade de trabalhadores. O cálculo para época era de 2.800 trabalhadores diretos nas duas empresas, e indiretamente em torno de mais de 3.500. Portanto, era um amplo momento para uma população pequena ao modelo das cidades desta região.

2. 6 - Dos ganhos e Perdas da Greve

Das entrevistas por nós realizadas, deixou-nos os relatos de cada entrevistado sobre a sua visão sobre a greve e seus acontecimentos, e logo após. Passaremos a eles para vermos como cada um se comportou com o fim da greve.

Do Senhor Dimas Antônio da Silva, veremos em dois momentos seu ponto de vista depois da greve, o primeiro é quando diz:

Bom, a greve igual eu falei, foi uma greve política e ela trouxe grande prejuízo para a população de Niquelândia e querendo ou não ela serviu de aprendizado, que a empresa hoje com quase 35 anos de operação, foi à única greve que aconteceu. Depois disso todo ano tem a negociação, a empresa faz a sua proposta para atender os interesses dela e o sindicato pede alguma coisa em benefício do funcionário. Então, a partir dessa greve tem as negociações entre a diretoria de sindicato e a diretoria da empresa e tão sempre buscando um consenso, um equilíbrio, para fechar as negociações. Então, assim, o movimento de greve teve para o município um prejuízo muito grande.

Ele vê como negativa, principalmente por haver prejudicado todo o município, e convenhamos, o maior município de Goiás. Portanto, até hoje, na visão do trabalhador, os reflexos da greve de 1988 pode ser lembrada pois como aconteceu uma vez, ela pode se reorganizar para em outro momento conseguir acontecer novamente. A causa por uma nova luta sempre está a ser realizada, e isso leva o trabalhador a organizar-se e lutar.

Essa luta está demonstrada por essas falas de trabalhadores das empresas, quando enfatizam que é preciso dar um basta no sindicato e na política

representativa, que só extorquiram deles as suas reivindicações. Nessa segunda fala o Senhor Dimas demonstra o retrocesso que os grevistas tiveram quanto o aumento salarial:

A empresa além de voltar a proposta que era de 98% e oferecer 48%, foi aceito esses 48% e todos os funcionários que ficaram de greve, a empresa descontou deles os 41 dias não trabalhados. Então, as pessoas tiveram seus salários penalizados pelo reajuste menor e tiveram que pagar todos os dias que não trabalharam.

Logo vemos como o sindicato era um traidor da causa trabalhista, pois não luta contra as empresas pela reposição dos dias não trabalhados. Calou-se, deixando que os trabalhadores repusessem os dias de greve, totalizando 20 dias de reposição, sendo que muitos ou mesmo a maioria pagou mais de 30 dias.

Esse pagamento era descontado nos dias de férias. Se o trabalhador tinha direito a 30 dias de férias, tirava só 20 dias, pagava com 10 dias, isso no caso de quem subiu algum dia, durante os piquetes, para dentro da empresa para fazer manutenção nos equipamentos, como os dos rotafluxos das bombas, dos decantadores da seção 600 e 700. Outros pagaram 20 dias, quer dizer, tiveram só 10 dias de férias.

A Anglo American arrastou para perto de si os piqueteiros, seus trabalhadores, para os terem ao seu lado e não mais fazerem greves. Exemplo que a Anglo American, por ser multinacional, já trazia de outros países a experiência com grevistas. Coisa que a Votorantim, por ser nacional, não importava muito.

Assim fica claro a omissão daquele que se dizia estar do lado dos trabalhadores, o sindicato. Provou ser um traidor da causa dos trabalhadores, que tanto se vangloria em dizer que defende.

Desta forma o sindicato anda de mãos dadas com o patronato. Em seguida, o senhor Dimas continua, e enfatiza: “Inclusive no período de férias, então, pessoas que tinham férias vencidas, a empresa negociou e acabou descontando alguns dias de férias para a pessoa pagar essa conta de 41 dias devidos.”

Com isso notamos seu descontentamento, como de todos aqueles que ao buscarem reivindicar melhorias por salários e outras questões sociais, se viram abandonados nas mãos das empresas de que tanto tentaram lutar por causas

próprias. O mesmo ocorreu com o Senhor José Roberto Braz de Queiroz quando afirma: “Nada positivas más... Eu acredito que a greve... greve nenhuma assim no momento, num traz ganho, ela não traz.”

Ele continua a dizer que analisando os anos que se passaram após a greve, que o fato de não ter tido mais essa paralisação é porque ocorrem certas melhorias provenientes do estudo, ou seja, da qualificação dos trabalhadores. O que sabemos que isso se trata de uma arma da burguesia para iludir o trabalhador, ao dizer que a qualificação escolar lhe dá melhoria salarial. Uma mentira que vem para justificar o roubo dos empregadores em cima da mão-de-obra do empregado. Em seguida ele diz:

Creio que ao longo do tempo, tanto é que já não houve mais greves, as empresas vêm se informatizando melhor, vem colocando melhor juntamente, já estuda melhor, às vezes decidi... Já não deixa tanto atrasarem. Então, acho que pra quem ficou foi benefício, pra quem saiu não foi.

Com isso, é possível perceber a frustração para alguns, quando no momento da paralisação, do início da greve, dos piquetes, há uma união em favor da causa coletiva, a causa de todos os trabalhadores.

Mas com o passar dos dias foram quebrados ao meio, por uma ação política, as eleições municipais daquele ano, e o sindicato, que pelas costas dos trabalhadores, fez negociata com os patrões, subtende, as empresas, ao mesmo tempo. E sem consentimento dos trabalhadores.

Com isso o sindicato leva mais de 2.600 trabalhadores das duas empresas a uma derrocada. Como veremos a seguir, com o Senhor Gildinei Gomes Gonçalves ele diz: “Não, na verdade nós não tivemos ganho nenhum, só tivemos a perder.” Continua ele a lamentar como via uma busca por solução dos trabalhadores, principalmente os salários baixos e logo depois de 42 dias de greve, vê essa oportunidade esvair.

A seguir com outras duas falas distintas da primeira, podemos notar como foi à reação da diretoria da Votorantim Metais, que agiu com represália, demitindo funcionários que se relacionaram com a greve, inclusive por justa causa, alegando que os líderes de greve haviam abandonado os serviços, quando diz: “Aqueles que agitaram mais na greve fizeram mais pressão, esse aí teve uns... Foram mandados embora”.

O mesmo vê essas demissões com desapontamento, como a perda, por ter sido anulado o movimento reivindicatório. Houve uma perda salarial tão grande quanto antes de fazerem greve. Vemos isso quando refere à greve: “A greve eu acho que não leva muito a nada não, a gente só tem a perder.”

Com isso vimos que os três funcionários da Votorantim não viram muito resultado com a greve. E pior, não analisam como tinham a força da união daqueles trabalhadores, se viram vencidos por artimanhas políticas e sindicais das quais são obras do sistema capitalista.

Já o Senhor Cícero Juventino de Oliveira, por ser membro do sindicato e trabalhador da Anglo American, ao mesmo tempo, vê por outro ângulo, quando diz:

A greve é um instrumento real, é da, que prova a necessidade, a força e a união do trabalhador. Por outro lado a greve, ela prova que a empresa estava ameaçando, coagindo, e num atende, e desmerece dos direitos do trabalhador e da força que tem o sindicato. Então, greve pro trabalhador foi positiva e pra empresa foi o contrário, porque ela desmerece. Isso pra gente é a última estância que a gente pode ta usando. A gente usa todos os recursos de negociações, de mediações, tudo, até chegar ao chamado greve.

Vemos como podem ser diferentes os resultados dos mesmos participantes de um movimento de greve. Mesmo quando esse movimento é localizado e bem definido, como foi à greve de 1988 em Niquelândia.

Fica claro e evidente como a sociedade se dividiu entre os que apoiavam os trabalhadores grevistas e os que não apoiavam. Procuraremos, juntamente com a teoria de Anton Pannekoek, mas também teorias de Marx e Engels e o método Materialista Histórico Dialético, explicar como esses fatos ocorridos em 1988 em Niquelândia podem ser entendidos. É o que iremos adentrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

3. O Desenrolar da Greve

3. 1 - Das Ações que Levaram ao Desfecho da Greve.

Neste terceiro capítulo procuraremos descrever as abordagens do acontecimento ao qual culminou na greve de 1988 nas Companhias Mineradoras de Niquelândia. O que levou a esse acontecimento é a questão fundamental ao trabalhador, seu salário. E foi por luta de aumento salarial que iniciou a greve.

A classe operária já se sente menosprezada por ser quem produz o bem maior, a mercadoria, sendo a mesma a causadora dos lucros dos donos das fábricas. O seu descontentamento existe pela exploração que sofre nos locais de trabalho, mas aparentemente isso aparece por essa disparidade existente entre patrões, com o grande lucro de suas fábricas e trabalhadores pobres, por ter que viver com um salário que nem sempre é suficiente.

Os trabalhadores das duas fábricas, Anglo American e Votorantim Metais, em Assembléia com a direção sindical, resolvem cruzarem os braços por melhores salários. Essa perspectiva de paralisação foi uma resposta ao desinteresse dado pelos dirigentes fabris. As duas fábricas têm o quadro burocrático de manter gerentes, pois são grandes conglomerados industriais. Portanto, dirigentes e não os proprietários que discutem os aumentos salariais junto ao sindicato da categoria.

Anton Pannekoek, nascido em 1873, foi influenciado pela obra de Karl Marx observa que: “O sindicato, na verdade, é o produto da luta dos trabalhadores e que seu papel é negociar o valor da mercadoria força de trabalho”. (Apud, Nildo Viana, 2011, p. 50).

Dentro do pensamento de Pannekoek sobressai o que diz no livro A Revolução dos Trabalhadores, no capítulo sobre A Ação Direta, no qual usa seu conceito de Greve Selvagem:

A ação direta é a ação dos trabalhadores, aquela que não passa pelo intermediário – os burocratas sindicais. Uma greve diz-se “selvagem” (ilegal ou não oficial) por oposição às greves desencadeadas pelos

sindicatos respeitando os regulamentos e as leis. Os trabalhadores sabem que a greve legal carece de efeito; os delegados são forçados a desencadeá-la contra sua vontade e sem que a tenham previsto, talvez pensando intimamente que uma derrota seria lição salutar para os presunçosos operários e sempre tenta pôr-lhe fim o mais rapidamente possível. É por isso que a exasperação explode no meio de grupos, maiores ou menores, de operários e toma a forma de greve selvagem, desde que a opressão se torne muito forte ou as negociações se arrastem sem resultado. (PANNEKOEK, 2007, p. 121).

A greve pode ser legal ou não. É a lei, pelas mãos do juiz que julgará o seu efeito, sendo a própria greve que cria sua força para a mesma permanecer forte em seu propósito. O efeito suspensivo de uma greve não tira o direito a ela.

O não aumento salarial, que foi seu principal fator por ocasião do seu dissídio anual, que ocorre em todo mês de novembro de cada ano, foi que levou a eclodir a greve nas mineradoras de Niquelândia.

O que realmente torna interessante em toda essa discussão, da qual podemos levantar conclusões sobre a temática, é que há uma movimentação autônoma do proletariado, mesmo diante da burocracia estatal. Buscam se organizar e ultrapassar o poder de mando dos dirigentes. Nesse sentido, é um tema importante, uma vez que o proletariado é desprezado pelos patrões e os usa como uma “massa de manobra” voltada a atender seus próprios interesses.

Nildo Viana nos oferece uma análise profícua em relação a esta questão, ao citar Marx e Engels quando dizem:

O valor da força de trabalho constitui a base racional e declarada dos sindicatos, cuja importância para a classe operária não se pode subestimar. Os sindicatos têm por fim impedir que o nível dos salários desça abaixo da soma paga tradicionalmente nos diversos ramos da indústria e o preço da força de trabalho caia abaixo de seu valor. (MARX e ENGELS, 1980, p. 9).

A força de trabalho dos operários que integram as duas empresas citadas anteriormente, estes estavam perdendo o seu valor real, é notável que a reação pudesse desencadear de forma coletiva, era tão somente uma resposta à exploração e dominação que sofriam no local de trabalho. É nesse contexto, que o sindicato se faz de mediador da relação entre operário e patrão, integrando a trama, se fazendo de dirigente e dotado de poder na hora de estipular salários, sendo os mesmos pagos hora/trabalhada.

Portanto, quando se “negocia” os salários, as combinações falham como foi o caso daquele ano de 1988. Os dirigentes sindicais estavam de olho nas eleições municipais para prefeito e vereador. Os patrões viram neles uma oportunidade para se promoverem e começou a articulação para pressionar e tirarem proveito desta situação.

A partir das negociações realizadas pelo sindicato, é que o mesmo buscara um aumento de 98% não fosse aceito, pois queriam 120%, para não terem uma defasagem maior sobre o Plano Bresser⁹.

Dentro desses parâmetros é que o sindicato local, o SITIEM, criou forças política para desestabilizar os diretores locais das duas grandes mineradoras. As levaram a uma paralisação de 42 dias. Com tudo isso a greve eclodiu no início de novembro de 1988 em uma assembleia que ocorreu no salão paroquial da cidade e que as 22h00min houve o anúncio de greve para os operários que dentro delas se encontrassem. Os grevistas foram desligando todo o maquinário até o dia seguinte, e na medida em que foram parando, passaram a fazer um grande piquete, tanto na Votorantim Metais quanto na Anglo American.

Esses Piquetes foram ativados desde o primeiro momento até o último dia de greve. Quem deles participava eram chamados de piqueteiros, ou seja, se tratava dos homens que nele ficavam revezando em turnos de oito horas, como se estivessem dentro das fábricas.

Houve quatro piquetes, especificamente, um no portão da Votorantim, outro no portão da Anglo, um na portaria do CHC e por último um no trevo da GO-237, Rodovia da Fé, que liga Niquelândia ao Múquem. Esse quarto piquete estava localizado na Rodovia sob o trevo de entrada paa Anglo American. Na época da greve era conhecido como trevo do Mauricio Mineiro. Esse Senhor, Mauricio, tinha um comércio nesse entroncamento, e por isso foi dado o seu nome ao piquete. Portanto, quatro locais de paralisação.

Os piquetes são formas das quais os grevistas conseguiram para imporem a paralisação da empresa em questão, como o foi, tanto a da Anglo American quanto a da Votorantim Metais, nos dois portões. O da Votorantim foi à subida da

9 Em 16 de junho de 1986 foi lançado esse plano econômico. O plano Bresser, com gatilhos que o Ministro da Fazenda com o mesmo nome, Luiz Carlos Bresser Pereira, no Governo Sarney, faziam uma amortização nos salários e os mesmos não ficasse tão defasados.

vila residencial com o nome de acampamento Macedo¹⁰ voltado para as portas da usina.

O piquete da Anglo American foi no próprio portão da mesma pois sua vila residencial era ao lado do portão da fábrica. Essa Vila Residencial da Anglo American, na época era conhecida como Vila dos Engenheiros da Codemim¹¹.

Havia os que não ficavam nos piquetes, mas eram convocados pela diretoria a entrarem. Essa diretoria, no caso da Votorantim Metais, estava sob a responsabilidade do engenheiro de produção o Sr. Cordeiro, o qual foi um dos primeiros a ser demitido após a greve, por ter apoiado indiretamente o movimento reivindicatório.

Na Anglo American, o responsável era o encarregado de cada turno, com isso, como eram turnos rotativos, não havia um especificamente, mas que atuavam, com a permissão dos piqueteiros, para fazerem manutenções nos equipamentos caso necessitassem.

Como dois, dos quatro piquetes, estavam nos portões da fábrica, permitiam a entrada de alguns homens, em média, dois a cada doze horas. Eles permitiam essa entrada para fazerem a manutenção nos rotafluxos, bombas de reciclagem dos Decantadores¹². Por exemplo, dois entravam meio dia e ficavam até meia noite. Isso só na Votorantim Metais.

Portanto, os homens, que faziam a manutenção eram importantes para não deixarem danificar os decantadores, por isso foram permitidos pelos piqueteiros a entrarem na empresa para esta atividade.

10 Essa vila residencial fica a 15 km de Niquelândia.

11 Essa outra vila residencial fica a 45 km de Niquelândia.

12 São gigantescos recipientes dos quais usam depositar a Lama. Os mesmos têm raspadores para que não solidifique a mesma. Em baixo deles as bombas, com rotafluxos, são usadas para bombearem da seção 700, para a seção 900.



Fotos 1 e 2 dos decantadores da seção 700 - Votorantim Metais. (Fotos: Dimas Antônio da Silva, 1982).

Essa era a rotina nos piquetes, tanto nos portões da Anglo American, que fica a 45 km da cidade de Niquelândia, quanto os que ficavam nos portões da Votorantim Metais, que fica a 15km da cidade de Niquelândia, e também o da portaria do CHC e o do trevo da Rodovia da Fé, os quais tinham comunicação precária. Naquela época não havia a telefonia celular.

O sindicato, SITIEN, dispunha de uma motocicleta como meio não só de transporte, mas de comunicação para levar e trazer as novidades de um portão a outro. Sem essa comunicação corriam o risco de sabotagem, pois tinham olheiros¹³ para difundir o “fuxico” e o pânico. Por exemplo, acontecia de começar a veicular informação de que uma das frentes do conselho de greve havia optado por voltar ao trabalho de forma imediata, questão que poderia quebrar ao meio a própria greve recém instaurada, mas isso não passava de um fuxico que devia ser previamente combatido.

Esse pânico era o que viria assustar as famílias dos operários que residiam tanto em Niquelândia, incluindo os que habitavam nas vilas residenciais na zona rural, quanto da Votorantim Metais, que é conhecida como Acampamento Macedo, incluindo os da vila residencial da zona rural da Anglo American, com o nome de Acampamento da Codemim.

13 Eram homens infiltrados na greve e nos seus piquetes para alarmar o fuxico e tentar por o pânico entre seus membros e familiares.

Dentro desse transtorno, foi o sindicato operário que fez a ponte entre trabalhadores e patrões ao longo de mais de quarenta dias em que durou a greve. A cada semana que passava, era desgastante para os homens do piquete que viravam turnos de mais de oito horas por dia, em cada um dos quatro piquetes.

3.2 - As Assembleias

Cada assembleia realizada, em pelo menos três dos quatro piquetes, como era o caso do que ficava nos portões das empresas e da portaria do CHC, por serem os de maior quantidade de piqueteiros, salvo o do trevo da rodovia da fé, eram realizados quase todos os dias.



Foto da assembléia na antiga parada de ônibus na entrada do CHC um ano após a greve. Em pé com camisa aberta sem microfone Sr. Jonas Duarte. (Foto: Cícero Juventino, 1989)

Havia também em dias alternados, que ocorria no salão paroquial da Igreja Matriz São José, para onde eram levadas as pautas do dia. Como o sindicato conversava diretamente com a diretoria das empresas, os trabalhadores só sabiam do que era falado nas reuniões da assembleia, na qual o sindicato apresentava como questão fundamental o aumento de salários.

Ficou claro nas falas dos entrevistados que os trabalhadores foram desgastando-se com a demora e prolongação da greve. Por outro lado, muitos dos trabalhadores pensavam no decorrer da greve, que as empresas logo dariam o aumento salarial, coisa que não aconteceu. Ficando entediados foram

enfraquecendo o movimento. Mesmo assim, muitos continuaram em condições precárias.

Alguns integrantes dos piquetes foram ficando desmotivados, mas acabaram sendo motivados por seus companheiros. Para manter em pé o movimento os levaram, por exemplo, no piquete da portaria da Votorantim, a montarem uma cozinha debaixo de uma lona para fazerem suas refeições. Essa cozinha foi montada para alimentarem os homens do piquete, pois na Vila do Macedo, onde a Votorantim estava montada, não tinha restaurante naquela época, o que obrigava os trabalhadores a terem que levar sua própria marmita.

Com isso retomaram os impasses e a cada dia, ou no máximo dois dias, havia novas assembleias de votação para retornarem ao trabalho, caso algum acordo saísse dessas rodadas de conversações.

A assembleia dos trabalhadores, no entanto, era a sua ferramenta fundamental no período de greve. Era a expressão da sua ação direta contra os seus rapinadores, coloca Maurício Tragtenberg no seu livro Reflexões sobre o Socialismo. “A ação direta dos trabalhadores substitui os intermediários – os políticos profissionais – e a suprema autoridade é a assembleia, que tem poderes não só para nomear os que querem representá-los, mas também para destruí-los.” (TRATENBERG, 1986, p. 17.)

É nessa perspectiva, o autor fala da força dos operários que naquele período, essas duas fábricas não estavam sabendo usar sua força a partir de seus interlocutores, no caso a presidência sindical com todo o corpo administrativo do mesmo.

Essa é a questão aqui levantada, porque esses movimentos, às vezes grandiosos, acontecem, como no caso de Niquelândia em que duas Usinas Mineradoras, foram surpreendidas pela greve de seus operários mas em decorrência da ação de oportunistas que se colocam à frente do movimento para dirigi-lo criam nos operários um sentimento de fraqueza ou indisposição, os quais antes se encontravam engajados numa causa própria.

A impressão que dominam muitos atualmente é que, não valeu a pena ter lutado nas portas das fábricas para reivindicar por seus direitos trabalhistas adquiridos. Muitos se tornavam cada vez mais conformados com o pouco que

passaram a receber, como se já estivesse bom e sua força de trabalho fosse realmente bem valorizada, coisa que sabemos que não é.

3. 3 - O Nosso Tema

Sobre nossa temática, fica claro que a motivação em buscá-la, foi por que as lutas de classes são assunto tão intenso, mesmo no século XXI, uma vez que na graduação são tão marginalizados ou muitas vezes nem aparecem em várias disciplinas. E mesmo assim, poucos alunos a vêem como algo para estudar a sociedade capitalista.

Portanto, se a luta de classes está presente hoje, esse fato que ocorreu no século passado, também é relevante, dado que aconteceram sobre os mesmos princípios, ou seja, indivíduos insatisfeitos com as suas condições de trabalho e salários que viviam submetidos a uma relação de exploração.

Em maio de 2013, vimos uma grande manifestação saindo às ruas, reivindicando, junto ao governo, mudanças sociais por várias áreas da sociedade. Principalmente nas capitais brasileiras.

A nossa motivação para pesquisar essa temática vem dessa preocupação, da qual, passam-se gerações em gerações e casos de busca por melhores salários nunca são resolvidos pelo governo e muito menos pelos patrões. Com isso a luta de classes mantém um embate contínuo.

É justamente a questão de como resolver esse embate que propomos analisá-lo e buscar uma resposta para sua existência. Se ele existe, é porque necessita de estudo sobre essa questão.

Por isso, nossa resposta está em como analisá-lo e estudá-lo. Só assim teremos nossa resposta ao problema por nós levantado, problema esse pautado pela força constituída dos trabalhadores em sua organização, na qual compreendem e tomam consciência da sua própria capacidade de agir em seu próprio favor, mas que a limitação burocrática dos sindicatos e da política partidária, torna-se um empecilho a eles mesmos.

A espontaneidade dos trabalhadores em se organizarem em classe e resolverem por eles mesmos suas questões trabalhistas, foi o que faltou aos

homens que participaram da greve de 1988 em Niquelândia. Veremos sobre isso adiante.

3. 3.1 - Das Lutas por Melhorias

As lutas de classes por melhorias sociais, econômicas e demais necessidades dos trabalhadores será nosso foco, as quais passaremos a chamar de busca por melhorias. A questão da luta dos trabalhadores por melhores salários se manifesta naquele período em sua luta nos locais de trabalho.

Era época de uma inflação assolada pela mudança de governo. O governo federal até 1985 e 1986, ainda com ares de militarização, passa a ser civil. Portanto, uma crise política levou a uma crise econômica, vindo refletir na desvalorização ainda maior dos salários dos trabalhadores.

Dentro deste contexto, vimos que a teoria do Materialismo Histórico Dialético, do qual Marx e Engels levantam, torna-se uma ferramenta importante para compreender toda essa luta por melhores condições de trabalho e salários.

Anton Pannekoek é o teórico por excelência. Pois em sua obra *A Revolução dos Trabalhadores*, de 1947, originalmente, publicada com o título de *Os Conselhos Operários* e também, outro livro como *Partidos, Sindicatos e Conselhos Operários*, dão o norte para nossas inquietações quando demonstra como eles, os conselhos das fábricas, podem organizar o trabalhador quanto ao seu papel nas fábricas, segundo o próprio Pannekoek:

Os conselhos operários constituem a forma de autogestão que substituirá, no futuro, as formas de governo do velho mundo. Não para sempre, bem entendido; nem uma dessas formas é eterna. Quando a vida e o trabalho em comunidade constituem uma maneira normal de existir, quando a humanidade controla inteiramente a sua própria vida, a necessidade sede lugar à liberdade e as regras estritas de justiça estabelecidas anteriormente convertem-se num comportamento espontâneo. Os conselhos operários constituem a forma de organização desse período de transição durante o qual a classe operária luta pelo poder, destrói o capitalismo e organiza a produção social. (PANNEKOEK, 2011, p. 145.)

Pannekoek ressalta uma questão fundamental na luta dos trabalhadores, o foco que não deve ser perdido de vista para a luta pela transformação. A sua colocação sobre a tomada das fábricas torna-se o elemento primordial, a qual ele diz até mesmo em tomada de poder. A revolução popular se dá com o

enfrentamento direto ao poder constituído pelos governos capitalistas, e esse enfrentamento pode se tornar mais radical com a tomada por meio da força dos meios de produção e organização de trabalhadores auto-gerido, ai que está a sua perspectiva para o futuro.

Nessa perspectiva é que vemos como isso poderia ter acontecido em Niquelândia, quando ao fim de 42 dias de paralisações os trabalhadores tomassem as mineradoras para produzirem os seus sustentos. Pois, foi justamente nesse conflito, pelo modo de como se mantiveram organizados depois de tantos dias, que os enfraqueceram.

É essa questão que ressalta Karl Jensen, ele aponta o passo seguinte que faltou para os trabalhadores de Niquelândia, que se trata da tomada da fábrica. Em um de seus artigos o autor aborda “os três estágios da luta operária” (JENSEN, Karl, 2001) e para ele a primeira fase se trata das espontâneas.

As lutas espontâneas ocorrem no interior do capitalismo na vida cotidiana dos trabalhadores. Quando um operário realiza vagarosamente o seu trabalho (a chamada “operação-tartaruga”), quando quebra, rouba utensílios e objetos da fábrica, quando demora no banheiro, quando “mata” serviço, etc., realiza uma ação contestatária, uma recusa das relações de trabalho, enfim, uma recusa do capital. Trata-se de uma ação que aparentemente não tem nada de crítica, contestatária, ou, como diria um leninista-vanguardista, é apenas demonstração de sua falta de consciência socialista. (JENSEN, 2001. P. 24.)

Isso aconteceu nas duas empresas de Niquelândia, foi o princípio para instaurar a greve. Essa contestação ao capital, aqui chamamos luta pelo aumento de salários, pois é uma luta que demonstra o interesse burguês de estabelecer a desvalorização do trabalho. Isso fez com que os mesmos atingissem o segundo estágio da luta a qual veremos na fala de Jensen:

O segundo estágio da luta operária é o das lutas autônomas. Aqui o discurso nasce ainda fragmentado, ainda incompleto, ainda incipiente, tal com as lutas travadas. Aqui a ação torna-se coletiva: as reuniões, os panfletos, a greve, o piquete, entre outras formas. Aqui se recusa o capital, mas não só ele, como um produto derivado dele: a burocracia. Aqui as lutas operárias já significam algo mais, significam a recusa dos representantes, dos partidos reformistas e leninistas. (JENSEN, 2001. P. 25.)

Isso também ocorreu em Niquelândia, faltando a desvinculação junto ao sindicato e a sua influência partidarista do PT. Portanto, essa segunda tese cabe bem ao movimento grevista de 1988 em Niquelândia. Por fim, a terceira e última

tese de Jensen é a mais importante no desenvolvimento da luta operária, pois atingem o seu objetivo, é quando efetivam o seu interesse de classe.

O último estágio é o das lutas operárias autogestionárias. Aqui se revela uma luta que garante a recusa do capital e da burocracia e a afirmação da autogestão. O proletariado não só recusa o domínio do capital e da burocracia, mas também assume a direção revolucionária da fábrica e da sociedade, (JENSEN, 2001. P. 25.)

É essa terceira tese, ou último estágio de greve, que faltou na greve de 1988 em Niquelândia. Pois a burocracia sindical e política se colocaram diante dos trabalhadores através de uma politicagem partidarista. Além do sindicato havia também membros de partidos, não só o PT, partido dos trabalhadores, mas também do PMDB, partido do movimento democrático brasileiro, que na época só era MDB, o PFL, partido da frente liberal, antiga ARENA, ao qual migrou hoje com o nome de DEM e etc.

Em síntese, o movimento de greve que ocorreu na região de Niquelândia teve seus pontos positivos, no que diz respeito à representação prática da luta revolucionária do proletariado. Esses pontos podem ser notados na formação de piquetes, uma novidade que nunca havia emergido na região.

Os piquetes representaram o ponto máximo em sua luta, que mesmo limitados, colocaram em questão o poder do capital. Infelizmente a sua luta se manteve na segunda fase, não conseguindo atingir a terceira.

Por esse motivo acabaram sucumbindo aos ditames dos dirigentes sindicais, que tomaram a dianteira da luta e determinaram o caminho a ser seguido. Depois de 42 dias, o caminho estabelecido pelo sindicato não poderia ser outro, senão, o fim da greve, à volta ao trabalho, e a vitória da burguesia sobre os trabalhadores.

Mesmo que esta experiência tenha chegado ao fim, a mesma continua na memória de quem participou da mesma. Ainda hoje ressoa como uma sombra que assombra os capitalistas da região, podendo vir a se tornar uma realidade.

Esperamos que uma nova greve venha a estourar e atingir a mesma dimensão daquela, quem sabe uma nova luta possa atingir a sua terceira fase e assim instituir uma experiência de luta autogestionária.

CONCLUSÃO

Aqui chamamos atenção para essa falta de perspectiva que ocorreu sobre os trabalhadores grevistas das duas empresas. Eles, os trabalhadores, não atentaram para o fato de que eram uma massa de indivíduos muito maior que todo o sistema burocratizante do Estado. O estado com sua força policial e a própria polícia civil não dariam conta de conter tamanho movimento.

Os operários tinham plenas condições de tomarem as fábricas e as colocarem em funcionamento a seu favor. Com isso poderia criar recursos para terem seus ganhos necessários à sua manutenção, principalmente alimentícia que os assolava depois de 42 dias de paralisação, inclusive com escassez de alimentos em várias casas comerciais.

Nesse ponto voltamos ao que se refere Jensen, quanto ao fato histórico das greves terem esse retrocesso, como foi constatado em Niquelândia no ano de 1988. O método apontado pela teoria de Karl Marx, o do Materialismo Histórico Dialético, está aqui identificado nas ações tomadas por esses trabalhadores ao contestarem as empresas por sua política capitalista de baixos salários.

Esse foi o principal motivador que os levaram a se unirem em causa própria renegando os sistemas burocratizantes, dentro e fora das fábricas. A negação ocorria dentro das fábricas quando os gerentes os dirigem como se fossem robôs, quando o sindicato agia contra eles, também os dirigindo como se fossem coisas. Para isso Jensen tem uma resposta que é:

Assim, a luta operária passa por três estágios: espontâneo, autônomo e autogestionário. Esta é a tendência do movimento operário. Historicamente, este é o seu desenvolvimento natural. Porém, toda tendência, numa sociedade de classes, é contrabalançada por contratendências, isto é, a luta operária segue uma linha no sentido de passar da luta espontânea, para a autônoma até chegar a autogestionária, mas a ação das outras classes sociais dificultam esse desenvolvimento e por isso há retrocessos históricos, e em muitos casos a luta autogestionária ao não concretizar a revolução, marca um retorno as lutas espontâneas e o mesmo ocorre com as lutas autônomas. Assim, Marx afirmou que a consciência de classe do proletariado, sua consciência revolucionária, se dá através das lutas de classes. (JENSEN, 2001, p. 26)

O que Jensen aponta, ao referir-se a Marx, é que só pela organização espontânea dos trabalhadores é possível a conscientização, no sentido de

perceberem a sua força organizacional. E aqui voltamos a ressaltar, em Niquelândia em 1988 havia mais de 2.600 trabalhadores diretos nas duas empresas. A força policial da cidade e da cidade vizinha, Uruaçu, onde havia e há até hoje um pelotão da polícia militar do Estado, no município de Niquelândia e de Uruaçu, não passava de pouco mais de trinta policiais.

Se todos esses trabalhadores, ou pelo menos a sua maior parte não estivessem ligado a um sindicato e uma burocracia política, teriam todas as condições de desenvolverem sua luta para o terceiro estágio, questão já previstas por Marx, Pannekoek e Jensen, os quais vão pautando essas fases da revolução do proletariado a favor de sua luta de classe contra o capital.

Portanto, as condições eram as mais favoráveis. Como Jensen diz, retrocesso que ocorre, como o foi na greve de 1988 em Niquelândia, historicamente pautadas por essas idas e vindas travada pelas classes sociais, dá à burguesia a dominação novamente da classe operária. Esta fica, como antes, submetida à relação de exploração.

Nesse ponto, a tomada da fábrica e da conscientização do trabalhador é uma demonstração histórica de que sua força organizacional é maior que a organização do próprio Estado, o que vemos pelo olhar de Karl Jensen quando esse autor se refere à teorização do Materialismo Histórico Dialético proposto por Marx, quando diz:

Esta consciência significa não somente a compreensão do processo de exploração capitalista, da burocracia enquanto forma de dominação, mas também da necessidade de constituição de uma nova sociedade, autogerida. A recusa do capital e da burocracia vem acompanhada pela associação coletiva que passa a autogerir as relações de trabalho e o conjunto das relações sociais. O combate ao capital e ao estado é acompanhado da consciência de que eles devem ser destruídos e que em seu lugar somente a autogestão pode garantir novas relações sociais, igualitárias. Nasce a consciência de um objetivo: a revolução social, o que pressupõe uma visão da totalidade das relações sociais e da articulação do movimento operário no sentido de generalizar o processo autogestionário. É imprescindível a percepção disto, pois o comunismo, tal como colocou Marx, não surge da mesma forma que o capitalismo, através do desenvolvimento da propriedade, e sim do domínio consciente dos seres humanos sobre sua vida social, ou seja, sem consciência revolucionária não é possível uma sociedade autogerida. (JENSEN, 2001. P. 25 e 26.)

Deste ponto de vista levantado por Jensen, referindo-se ao que Marx, sobre as lutas de classes, fica claro como o trabalhador pode mudar a sociedade em que vive. Pode transformá-la de uma sociedade capitalista, em sua forma de propriedade privada, para uma sociedade comunista, ou seja, autogestionária.

Essa perspectiva apontada pela teoria do Materialismo Histórico Dialético demonstra ser possível combater o capital dentro de sua formação, ou seja, dentro das fábricas. Uma vez que o trabalhador é a maioria em número, de indivíduos dentro das fábricas, o combate à forma reacionária, da qual o estado capitalista se comporta diante da classe trabalhadora, dá a essa classe a força organizacional para mudar a sociedade. Uma sociedade capitalista, que luta pela propriedade particular, por uma sociedade que vê nas propriedades não um bem singular e sim um bem coletivo. É nessa coletividade em favor da sociedade autogestionária que aponta as tendências para uma nova sociedade após essa sociedade capitalista, uma sociedade socialista e por que não comunista, como dizia Marx.

Também Nildo Viana em seu livro *A Questão da Organização Revolucionária* nos aponta a mesma tendência da qual Marx, Pannekoek, Jensen e outros juntam a essa perspectiva. Para Nildo é quando isso se dá como uma lógica da força em que as lutas de classes perpassam pela organização dos próprios trabalhadores, quando ele aponta somente a via da revolução popular, ou seja, o enfrentamento via luta da classe trabalhadora contra a classe dominante, quando nos diz:

Por isso, ao invés de se preocupar fundamentalmente com a imagem da organização, o que os militantes de partidos (entre outros) dizem, a simpatia popular imediata e geral, as possibilidades de atendimento de reivindicações imediatas, a organização revolucionária tem que pensar no futuro, pois é isso que lhe caracteriza como sendo revolucionária: o seu objetivo é a revolução, a transformação radical do conjunto das relações sociais, e não lutas presentes por elas mesmas, estas só possuem sentido ao colaborador com a concretização desse objetivo. Não se trata, portanto, de “lutar por lutar” e sim lutar para fortalecer um projeto autogestionário e tendência real, a autogestão social. O foco é no futuro e no que se faz no presente que colabora com sua concretização. O hoje só tem importância pelo o que ele reforça como tendência para o amanhã. (VIANA, 2014, p. 141.)

Portanto, essa capacidade espontânea, num primeiro momento, e depois pela organização em um todo que leva os grevistas pelo estágio do piquete, a si

fortalecerem ao tomar a fábrica e usá-la em favor de suas necessidades de sobrevivência.

Isso faltou aos grevistas dos quatro piquetes de Niquelândia, pois uma vez em que conseguiram parar as fábricas e as deixarem por 42 dias nessa paralisação, a fase seguinte era apossar das mesmas para terem o êxito pretendido com a greve e os piquetes.

E é isso que Nildo Viana continua a apontar em sua reflexão, quando se refere ao futuro da revolução popular. Mesmo essas pequenas, como no caso que levantamos isso poderia muito bem começar naquele novembro de 1988 em Niquelândia, pois as condições eram favoráveis aos reivindicadores, e isso Nildo explica bem:

E é justamente por pensar no futuro que a organização revolucionária pode desprezar as pequenas do presente, as disputas por cargos e picuinhas políticas menores que são, no fundo, reproduções da sociabilidade burguesa. Ao mesmo tempo, não cai no voluntarismo pensando que o futuro é o presente, o presente é de luta, o futuro é a realização. No presente lutamos, algumas coisas superamos, outras almejamos superar e algumas não conseguimos apesar de desejar. Uma das promessas do futuro em uma sociedade autogerida é a realização do humanismo real e concreto, mas na nossa sociedade, ele é possível apenas parcialmente, pois não é possível tratar de forma humanista aqueles que reprimem, matam, torturam, para citar apenas um exemplo. O humanismo radical, concreto, é uma luta e só com a concretização de novas relações sociais é que se torna generalizado, assim como a autogestão. As supostas “revoluções do cotidiano” e “individuais” são quimeras falsas e apenas hipocrisia de alguns. Obviamente é que muita coisa é preciso e é efetivamente superado pelos revolucionários, mas nem tudo, uma transformação total dos indivíduos dentro do capitalismo é uma impossibilidade prática e ilusória. (VIANA, 2014, p 141.)

São a partir de reflexões como esta, em que nada é desprezado, que uma greve de duas empresas, quatro piquetes parando toda economia local, poderia muito bem ser o começo de uma nova sociedade. Pois, se o escravismo terminou o feudalismo também, isso demonstra que o capitalismo também pode ser abolido. São as crises que a mesma enfrenta, e aqui vemos as greves como início de pequenas revoluções, que podem vir se desenvolver tomando uma amplitude que venha a substituir essa sociedade falida por outro modelo.

Quando Nildo fala sobre o humanismo, é referindo-se ao que pode vir como ele mesmo disse uma sociedade autogestionária, que sabe se organizar, e não uma falsa consciência sistematizada, como diria Marx. O humanismo sem ficção utópica ou quimerista, como ele diz, mas partindo das pequenas revoluções

populares para os moldes talvez de uma Revolução Francesa, aportar em todo um país como o nosso.

Dessas revoluções, a solidariedade, como foi partilhada naqueles 42 dias de piquetes, em quatro diferentes locais, e de uma distância considerável, um do outro, é um exemplo de como pode começar a mudança social no capitalismo para a autogestão social.

Como Nildo ressalta em sua fala, o problema é essa sociedade caótica, hipócrita, individualista, da qual não sabe, ou não procura saber, como é a espontaneidade e seu desinteresse por outra forma organizacional para a mudança social necessária.

Vemos que as lutas da greve de 1988 são exemplo, na qual trabalhadores unidos, organizados, podem conseguir mudanças na sua sociedade local. E dentro desse exemplo da greve de 1988 ficou claro ao vermos como partidos políticos, sindicatos, e demais associações de caráter burocrático, são prejudiciais aos trabalhadores.

Os trabalhadores não precisam desses “benefícios” oferecidos pelo capitalismo para se organizarem e conseguirem mudanças sociais. Precisam é combatê-los, com veemência, e não serem usados como massa de manobra para serem depois excluídos pelos patrões ávidos por lucros e acúmulos de bens e capital, É somente pelo enfrentamento organizado, combatendo os seus dominadores, e isso passa pela luta armada se preciso for, que podem conseguir seus êxitos.

Se a Revolução Cubana em 1959, numa pequena ilha caribenha foi bem sucedida em suas lutas, foi por sua organização junto a sociedade local, que os apoiavam. Pena que dessa mudança social cubana tenha se firmado um capitalismo de estado. Mas o que vimos foi a capacidade de poucos se tornarem muitos, ao passo que eram contagiados pela própria espontaneidade de um povo.

Também trabalhadores como os de Niquelândia, se tivessem deixado o sindicato e os políticos de lado, ou seja, se organizassem sem esses, teriam conseguido muito mais do que os 48% de aumento salarial, como foi naquela época, e que a inflação assolava os salários antes mesmo de receberem.

Faltaram a eles, os trabalhadores das fábricas mineradoras, a busca por essa luta, da qual começaram bem, como ressaltou Karl Jensen nas suas teses.

Passaram pelas primeiras e segundas fases, faltou concluir o mais importante, adentrarem como autogestores dessas mesmas e atingirem a terceira fase de sua luta.

As lutas de classes existem, faz necessário a classe operária olhar para si mesmo, e decidir o que querem de melhor para si. Sair desse marasmo da economia capitalista e lutar por uma sociedade humanizada em que cada um se vê no outro como igual, em necessidades idênticas por melhorias. Ou podem continuar a ser pela minoria burguesa, que se organiza com unhas e dentes contra a maioria trabalhadora e necessitada.

Essa é nossa conclusão, da qual, em Niquelândia, que foi um avanço em termos de lutas sociais, retroagiram, permitindo que nova luta se organize e venha trazer novos tempos, tempos esses que Nildo Viana conclui sua fala em seu livro:

A proliferação de organizações revolucionárias significa, no fundo, um avanço geral da luta e sua articulação regional, nacional, mundial, significa o reforço da tendência revolucionária-autogestionária. Assim, uma existência de um conjunto de organização revolucionária articulada regional, nacional e/ou mundialmente, seria necessária aprofundar a discussão sobre isso. Esse é algo que aqui foi pouco explorado, pois a necessidade premente do tempo presente é refletir sobre a base que ao se desenvolver, promove novas necessidades e produções teóricas. A articulação das organizações revolucionárias será objeto de obra futura, de acordo com o que esperamos que seja em breve uma situação futura, o que significa que uma nova sociedade está germinado na atual, nas fábricas, ruas, casas, empresas, campos, minas, bairros, escolas, e nós não reforçamos a reprodução do existente e sim lutamos por sua abolição e pela emancipação humana. A cada avanço, um novo avanço é possível, e cada vez mais se contribui com o objetivo final, a autogestão social. (VIANA, 2014, p. 142 e 143.)

Dentro disso que Nildo exprime quando diz sobre a organização revolucionária se faz necessária, e uma vez existente é preciso continuar, principalmente quando diz que isso começa em uma articulação regional, nacional e mundial. Regional foi o que vimos na greve de 1988 em Niquelândia. Uma região mineradora, com duas grandes fábricas, das quais empreendem a exportação do Níquel, foi o exemplo do qual o autor nos exemplifica.

Quando ele diz que “nas fábricas, ruas, casas, empresas, campos, minas, bairros, escolas,” (VIANA, 2014) se faz necessário a busca da luta organizada, para enfrentar os novos tempos, pela repetição das revoluções populares, talvez pequenas, como em 1988, em Niquelândia, mas os homens de hoje serão os

libertadores dessa sociedade amarrada ao capitalismo. Por uma nova sociedade, socialista, comunista, autogestionária ou qualquer outra denominação que queiram dar, o novo talvez já esteja entre os homens desse futuro próximo. E porque não um futuro mais próximo do que se pensa.

Pensando em nossa análise reflexiva sobre a greve de 1988 em Niquelândia, a qual propõe uma observação dos fatos ocorridos naquele curto período. Pouco mais de um mês, e tornou-se um fato de importância ao trabalhador dessa localidade, a região de Niquelândia. Para os mesmos lembrarem a sua força organizacional, espontânea, fortalecedora para a classe trabalhadora. É que vislumbramos esse amanhã que chega ao trabalhador como forma de buscarem uma nova sociedade sem a imposição do capitalismo.

É o fim da sociedade capitalista a qual fará com que o trabalhador vislumbre uma nova sociedade diferente dessa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Lisandro, VIANA, Nildo (organizadores). **A questão da organização em Anton Pannekoek** – Rio de Janeiro: Achiamé, 2001.

TRAGTENBERG, Maurício, Reflexões sobre o socialismo. São Paulo, UNESP, 2008.

MARX, Karl. O Manifesto Comunista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

PANNEKOEK, Anton, A Revolução dos Trabalhadores. Porto Alegre, Barba Ruiva, 2007.

_____ Partidos, Sindicatos e Conselhos Operários. Rio de Janeiro: Rizoma, 2011.

JENSEN, Karl, A Luta Operária e os Limites do “Autonomismo”. Revista Ruptura, 2001.

VIANA, Nildo, O Capitalismo na era da acumulação integral, Aparecida, São Paulo, Santuário, 2009.

_____ A questão da organização revolucionária, Rio de Janeiro: Rizoma, 2014.

Dissídio o que é: http://www.significados.com.br/dissidio/acesso_em_05/junho/2015.

Fontes Orais

SILVA, Dimas Antônio da. Técnico em metalurgia, atualmente trabalha na Votorantim Metais.

QUEIROZ, José Roberto Braz de. Técnico Eletrotécnico, atualmente é representante comercial, autônomo.

GONÇALVES, Gildinei Gomes. Era operador 1 de Painel, atualmente trabalha em uma empresa terceirizada na Votorantim Metais.

FONSECA, Milton do Carmo Nunes. Era guarda e motorista na Anglo American, atualmente é motorista de ambulância na prefeitura de Niquelândia.

OLIVEIRA, Cícero Juventino de. Era operador de virola na Anglo American, sindicalista. Atualmente é sindicalista em Barro Alto e Niquelândia.